

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**NATÁLIA SANTOS COPIANO**

**"O LEITOR": EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E JULGAMENTO DO  
HOLOCAUSTO NA ALEMANHA DO PÓS SEGUNDA GUERRA**

**GUARULHOS  
2018**

**NATÁLIA SANTOS COPIANO**

**"O LEITOR": EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E JULGAMENTO DO  
HOLOCAUSTO NA ALEMANHA DO PÓS SEGUNDA GUERRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel/Licenciatura em História.  
Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Lana Nemi

**GUARULHOS  
2018**

Copiano, Natália Santos.

Título: "O Leitor": Experiência, memória e julgamento do Holocausto na Alemanha do pós Segunda Guerra/ Natália Santos Copiano. Guarulhos, 2018. 59f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado/Licenciatura em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

Orientação: Ana Lúcia Lana Nemi.

1. Memória. 2. Julgamento nazista. 3. Literatura.

**NATÁLIA SANTOS COPIANO**

**“O LEITOR”: EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E JULGAMENTO DO HOLOCAUSTO  
DO PÓS SEGUNDA GUERRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel e Licenciatura em História.

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Ana Lúcia Lana Nemi  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Luis Antonio Coelho Ferla  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Janes Jorge  
Universidade Federal de São Paulo

Aos meus pais , meus primeiros leitores.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória acadêmica, me senti como a Hanna quando finalmente aprendeu a ler e a escrever. No começo apertava a caneta no papel, assim como ela, para escrever pequenas frases ou textos, mas, conforme minha auto-confiança se fortalecia pude desenvolver trabalhos complexos até chegar nesta monografia.

Agradeço aos professores do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo e, em especial, a Profa. Dra. Ana Lúcia Lana Nemi, minha principal leitora, pela paciência, orientação e por acreditar no meu potencial.

Aos meus amigos: Augusto, Carolina Müller, Carolina Sandri, Fernanda, Flávia, Gabriela, Leandro e Marina pelas risadas, conselhos, incentivos, reflexões, sugestões, paciência. Eu não teria conseguido chegar até aqui sem vocês!

Aos meus familiares, principalmente, a tia Eunice, minha primeira referência de historiadora, por ter me apresentado a obra *O Leitor* há anos atrás e também por ter me ajudado com as reflexões nos trabalhos ao longo da graduação.

Por fim, mas não menos importante, a Lilo, minha filha de quatro patas que desde o início da graduação me proporciona grandes alegrias em meio ao estresse cotidiano.

Natália.

*“Para mim, o século XX é apenas o esforço  
sempre renovado de entendê-lo”.*  
(Franco Venturini)

## RESUMO

Esta monografia tem como foco a análise do texto literário “O Leitor”, autoria de Bernhard Schlink, publicado pela primeira vez em 1995. Na obra, Hanna Schmitz é uma personagem servidora de baixo escalão que atuou como guarda de campo de concentração na época do Nazismo. A narrativa aponta a relação que ela estabeleceu com um jovem após a guerra, eles se reencontrariam mais tarde em uma situação de julgamento de apoiadores das perseguições aos nazistas. Dessa forma, procura-se entender como os alemães lidaram com os efeitos do holocausto pós-guerra. O caráter lírico do livro provoca em seu leitor um conjunto de sensações contraditórias que vão desde a compaixão pela história da personagem Hanna, até uma aversão devido à sua participação direta nos horrores do cotidiano dos campos de concentração. Por se tratar de uma narrativa de memória, não há uma especificidade nas datas do período abordado, entretanto, o recorte temporal é a Alemanha pós Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Memória, Julgamento nazista, Literatura

## **ABSTRACT**

This project will focus on the analysis of the literary text "The Reader", authored by Bernhard Schlink and first published in 1995. In this work, Hanna Schmitz is a low-level servant character who served as a concentration camp guard at the Nazism period. The narrative points the relationship she established with a young man after the war and they would later find themselves in a situation of judgment of supporters to persecution of the Nazis. In this way, the focus will be on how the Germans dealt with the effects of the post-war holocaust. The lyrical character of the book brings in its reader a set of contradictory sensations that go from the compassion for the history of Hanna to a feeling of aversion due to her direct participation in the horrible routine of the concentration camps. Since it is a narrative of memory, there is no specificity dates on the period covered. However, the time cut is Germany after World War II.

**Keywords:** Memory, Nazi Judgment, Literature

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: O pós-guerra sob a ótica de Bernhard Schlink.....</b>	<b>13</b>
1.1 Alemanha: 1945.....	13
1.2 O contexto e o autor.....	17
<b>CAPÍTULO 2: Entre a realidade e a ficção.....</b>	<b>24</b>
2.1 As vozes do silêncio.....	24
2.2 Nazismo: Nunca mais?!.....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
Fontes.....	50
Bibliografia.....	50
<b>Anexos.....</b>	<b>53</b>
Resumo da obra.....	53
Entrevista.....	54
Tabela de personagens.....	58

## APRESENTAÇÃO

Esta monografia se divide em introdução, dois capítulos e considerações finais.

Na introdução estão algumas considerações acerca do uso de fontes literárias no trabalho do historiador, evidenciando sua relação com o real e o ficcional, que faz parte dos debates historiográficos.

No primeiro capítulo buscou-se fazer uma reflexão sobre a representação da história do pós guerra manifestada no texto *O Leitor* sob a perspectiva de análise do seu autor, Bernhard Schlink, e a receptividade da obra.

No segundo capítulo, procurou-se compreender o efeito do Holocausto no pós Guerra, a partir da perspectiva do romance *O Leitor*, ressaltando a forma como o autor realiza a representação e a relação que esta estabelece com o real. Para tal, se fez necessário observar as articulações possíveis entre as sensações, reflexões e sentidos do nazismo presentes no romance e na sociedade alemã do pós-guerra.

Nas considerações finais procurou-se fazer uma reflexão sobre os conteúdos desenvolvidos nos capítulos anteriores.

## INTRODUÇÃO

O uso da literatura como fonte histórica se tornou recorrente a partir da década de 1990, conforme afirma a historiadora Sandra Pesavento<sup>1</sup>. Ainda segundo a autora, “literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam.”<sup>2</sup> Para Roger Chartier, todo documento é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído, pautado em regras próprias de produção que pertencem a cada gênero de escrita e/ou testemunho criando “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.<sup>3</sup> Assim, podemos afirmar que a narrativa literária traz em sua essência a esfera artística e ficcional diferindo-se da história nesses dois aspectos, contudo, não deixa de demonstrar a perspectiva do autor que está inserida em um contexto histórico e, portanto, toma o real como referência.

“Pensando que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, [...]há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, o texto e a leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa”.<sup>4</sup>

Como já dito, tanto a história quanto a literatura partem do real para a construção de uma narrativa. As diferenças entre ambas se dão pelas motivações e finalidades que originam as produções do conhecimento histórico e literário. No caso literário as motivações e finalidades são mais amplas do que no caso do historiador que se interessa principalmente em contextualizar o texto, o autor e problematizar questões pertinentes.

No século XIX, a história “se valia da Literatura como um recurso ilustrativo de uma afirmação sobre o passado, para confirmação de um fato ou ideia”<sup>5</sup>. Em meados do século

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>.

<sup>2</sup> Idem.s/p.

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. p.62-3.

<sup>4</sup> BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação, Pelotas, 2003. p. 32.

XX, a literatura passou a ser considerada um meio de expressão social e, assim como a História, assumiu um perfil crítico e pôde conter em sua narrativa exemplos de injustiças sociais. Atualmente,

“[...] são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto”.<sup>6</sup>

Assim, pode-se afirmar que a literatura é uma fonte histórica de extrema importância, pois permite um diálogo entre a arte e o tempo histórico de sua produção, além de não estar isenta de carregar em seu conteúdo observações, reflexões e críticas acerca do tempo vivido.

“Compreendida dessa maneira, a literatura não documenta o real nem constitui representação semelhante aos discursos científico, filosófico, político, jurídico ou outros. Nestes últimos, as metáforas e outros recursos imaginativos são controlados ou mitigados pela intenção de objetividade, que se manifesta no discurso referencial, isto é, comprometido com a veracidade da realidade.”<sup>7</sup>

Posto isso, a literatura, entendida aqui como um testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento. Para tal, é preciso ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, discutir quais as possíveis intenções do autor e a forma como este realiza sua representação e a relação que a obra estabelece com o real. As características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e estilo, inserem-nos num processo histórico determinado, em um tempo e lugar.

[...] seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.<sup>8</sup>

A obra *O Leitor*<sup>9</sup> (*Der Vorleser*, no original), autoria de Bernhard Schlink, analisada no presente trabalho monográfico, dialoga com o contexto do pós-guerra, na Alemanha. O

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 66.

<sup>8</sup> BORGES, V.R. Op.Cit. 2010.

<sup>9</sup> Será analisado a 7ª edição do livro “O Leitor” da autoria de Bernhard Schlink. A obra de 239 páginas foi publicada pela primeira vez em 1995 conta com um narrador-personagem que assume o papel de protagonista, ao lado da personagem principal Hanna, e é dividida em três partes. Cada parte dispõe de um número diferente

autor nasceu em 1944. Um ano antes do término da Segunda Guerra Mundial. Portanto, faz parte da geração pós-guerra, assim como o protagonista da obra literária de sua autoria. Em diversos pontos da obra, é possível estabelecer aproximações entre o autor e os personagens, principalmente o protagonista Michael Berg. Tais semelhanças serão abordadas no capítulo um desta monografia.

---

de capítulos que são, em sua maioria, capítulos curtos. A obra foi adaptada para o cinema em 2008, entretanto, a versão cinematográfica não será analisada, o foco do trabalho será a análise no âmbito da literatura.

## Capítulo 1: O PÓS - GUERRA SOB A ÓTICA DE BERNHARD SCHLINK

### 1.1 Alemanha: 1945

“Enquanto a derrota fragorosa se aproximava, no começo de 1945, escutavam-se às vezes os alemães dizendo que, para eles, seria preferível “um fim com horror a um horror sem fim”. Um “fim com horror”, certamente, foi o que eles experimentaram, de um modo e em dimensões sem precedentes na história. O fim trouxe destruição e perdas humanas numa escala gigantesca.”<sup>10</sup>

A Alemanha do pós-guerra encontrava-se em ruínas, segundo o autor Tony Judt:

“Quando a guerra na Europa acabou [...], grande parte da capital alemã estava reduzida a montes de escombros e metal retorcido soltando fumaça. As cidades em ruínas eram a prova mais evidente [...] da devastação, e passaram a servir de uma espécie de emblema que expressava a tristeza da guerra. [...] A paisagem urbana coberta de escombros constituía a lembrança mais imediata da guerra recém-acabada.”<sup>11</sup>

Para Ian Kershaw, o regime “conseguiu resistir até o fim e a guerra só terminou quando a Alemanha foi militarmente fustigada até a submissão, sua economia destruída, as cidades em ruínas e o país ocupado por potências estrangeiras.”<sup>12</sup> Entre as potências estrangeiras que ocupavam o território alemão, se destacam os Estados Unidos e a União Soviética. Estes dois países configuraram uma nova divisão político-ideológica que dividiria o mundo entre o capitalismo e o socialismo. Nas palavras de Eric Hobsbawm

“A Guerra Fria entre EUA e URSS [...] dominou o cenário internacional na segunda metade do breve século XX. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade [...] A medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua inevitável” [...] impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização.”<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> KERSHAW, Ian. O fim do Terceiro Reich; A destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.p.15.

<sup>11</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. X: “A era da prosperidade”, p.30 .

<sup>12</sup> KERSHAW, I. Op.Cit. 2015, p.29.

<sup>13</sup> Hobsbawm, Eric. *Era dos Extremos - o breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, Cap 8.: “Guerra Fria”,p.224.

Nesse contexto da Guerra Fria, houve uma tentativa – por parte da União Soviética - de mostrar que Hitler e toda a ideologia do nazismo eram fruto do capitalismo, concomitantemente, os Estados Unidos emprestava dinheiro para a construção dos países afetados pela guerra visando um novo mercado consumidor para seus produtos. O desejo de reconstrução material e imaterial era um sentimento comum nos países que tinham passado pela experiência da guerra. Quando se trata de países em guerra, a classificação “culpado” e “inocente” é passível de contestação. “Os anos da ocupação nazista e o caos do período imediatamente posterior à guerra desfizeram laços humanos, destroçaram lares e comunidades e em muitos casos arruinaram as próprias bases da sociedade”.<sup>14</sup>

No âmbito social, Mark Mazower afirma que “o que surgiu depois de 1945 foi algo profundamente alterado em função das lembranças da guerra e da crise democrática nos anos anteriores ao conflito”.<sup>15</sup>

“o estabelecimento do Estado de bem-estar social, entre as décadas de 1940 e 1960, ficou conhecido como “era dourada do capitalismo” por ser um momento de desenvolvimento econômico, com garantias sociais e oferecimento, praticamente, de emprego pleno para a maioria da população nos países mais desenvolvidos. A expansão industrial, mesmo que com índices diferenciados, tanto acontecia nos países capitalistas como nos socialistas.”<sup>16</sup>

Apesar da sensação de “bem estar social” descrita acima, a guerra ideológica na Alemanha estava longe de cessar. O país foi repartido entre as quatro potências “vencedoras” da II Guerra Mundial – Estados Unidos, Reino Unido, França e União Soviética – que assumiram o poder e dividiram o território alemão em quatro zonas de ocupação<sup>17</sup>. Sob o controle soviético ficaram os territórios a leste dos rios Oder e Neisse. Berlim, situada no território que viraria Alemanha Oriental, também foi dividida em quatro setores.

Os diferentes sistemas de domínio no Ocidente e no Leste geraram divergências entre os Aliados, que não conseguiam definir uma política comum para a Alemanha derrotada na guerra. A “Conferência de Potsdam”, que ocorreu no ano de 1945 para estabelecer as bases de

---

<sup>14</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.220.

<sup>15</sup> *Idem*.p.283.

<sup>16</sup> VICENTE, MM. *História e comunicação na ordem internacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.124

<sup>17</sup> JUDT, Tony. *A Reabilitação da Europa*. Em: JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

uma nova ordem europeia no pós-guerra, foi o gatilho que gerou um consenso quanto às ações que deveriam acontecer na Alemanha: o tempo e o modo como o país deixaria de ser dividido por zonas de ocupação e voltaria a ser unificado; o desarmamento e a impossibilidade de formação de um exército; o julgamento dos participantes e dos colaboradores do partido nazista; e a discussão acerca da indenização dos danos causados durante a Segunda Guerra, que o país deveria pagar.<sup>18</sup>

Em suma, a parte da Europa envolvida na guerra precisou passar por reconstruções econômicas e materiais. Os países que sofreram com o regime nazista receberam, além da ajuda econômica, uma reeducação moral. Esses países passaram por um período de reconstrução social e cultural comandado pelos países Aliados<sup>19</sup>. Essa reconstrução social e cultural teve como foco principal eliminar os membros nazistas e fascistas ainda presentes nessas sociedades. Além disso, os Aliados, em especial os norte-americanos, também tinham como objetivo “plantar as sementes da democracia e da liberdade na vida pública alemã”.<sup>20</sup> Esse período, iniciado em 1945 e terminado em 1948, ficou conhecido como “desnazificação”<sup>21</sup>. Portanto, foram dedicados apenas três anos para que toda uma população se “pedagogizasse” de acordo com os novos contratos sociais impostos pelos Aliados.

“No início, os vencedores compartilhavam muitos objetivos básicos. Todos eles achavam necessário eliminar o nazismo para garantir a segurança da Europa; todos eles comprometeram-se a punir os criminosos de guerra alemães. [...] Tanto os russos como os americanos consideravam desejável uma ampla reforma econômica que, por meio do desmantelamento dos cartéis e da reforma agrária, destruísse o poder dos que teriam apoiado Hitler. Por fim, todos eles concordavam quanto à necessidade de “democratizar” a Alemanha. Tais objetivos correspondiam a nada menos que uma revolução social e política.”<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> LOWE, Norman. A Guerra Fria. Em: LOWE, Norman. História do Mundo Contemporâneo. Porto Alegre: Penso, 2011.

<sup>19</sup> Entende-se como "Aliados" países que se opuseram ao Eixo, entre os principais destacam-se: Estados Unidos, Reino Unido e a União Soviética. Outros países também compuseram Austrália, Nova Zelândia, Nepal, África do Sul, Canadá, Noruega, Bélgica, Luxemburgo, Países Baixos, Grécia, Iugoslávia, Panamá, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Haiti, Honduras, Nicarágua, Guatemala, Cuba, Coreia, Checoslováquia, México, Etiópia, Iraque, Bolívia, Irã, Colômbia, Libéria, Romênia, Bulgária, San Marino, Albânia, Hungria, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Turquia, Líbano, Arábia Saudita, Argentina, Brasil Chile e Dinamarca. Para saber mais: <https://www.infoescola.com/segunda-guerra/aliados/> Acesso em 09/11/2017.

<sup>20</sup> JUDT, T. Op.Cit. 2008. p.70.

<sup>21</sup> Considera-se a desnazificação tanto para os países que foram libertados do nazismo, como também o caso fascista italiano. Alguns historiadores, como Tony Judt, consideram como um bloco só.

<sup>22</sup> MAZOWER, M. Op.Cit.p.237.

Na Alemanha o maior simbolismo do processo “pedagógico” de desnazificação foi o Tribunal Militar Internacional de Nuremberg que julgou e sentenciou membros do alto escalão do Terceiro Reich.

“Os julgamentos dos crimes de guerra de Nuremberg começaram em 20 de novembro de 1945 e terminaram em 13 de abril de 1949. No primeiro julgamento, 24 líderes nazistas foram acusados, mas só 21 réus compareceram ao tribunal. Em 9 de dezembro de 1946, os americanos realizaram 12 julgamentos de “criminosos de guerra acusados de crimes menos graves”.<sup>23</sup>

Após esse período, tornou-se comum a publicação de diversos suportes informativos acerca dos julgamentos destes crimes de guerra, dentre esses suportes, destacarei o livro. Os livros de não ficção trazem informações factuais e comentários dos próprios autores sobre esses fatos. Chamo a atenção para o comentário que aparece com mais frequência dentre as obras com essa temática: “os nazistas continuam a exercer um fascínio mórbido em muitas pessoas”<sup>24</sup>. Tal “fascínio mórbido” pode ser interpretado como “uma ferida ainda aberta” que carrega para o presente parte do contexto político-ideológico que outrora o regime representou. Não é raro nos depararmos com uma notícia que traz no corpo do seu texto a denominação “neonazista” ou ouvirmos que tal governo segue os rumos do “nazifascismo”.

Os acontecimentos históricos não se repetem. A história é construída por tempos e espaços diferentes. Uma sociedade contemporânea nunca será igual a uma sociedade antiga, por exemplo. Contudo, pode-se utilizar determinado acontecimento histórico como “espelho” para decisões tomadas no presente e, por essa razão, é possível afirmar que há uma idolatria pela história do Terceiro Reich que os Aliados não conseguiram apagar totalmente.

Tony Judt afirma que os governos da Europa libertada buscaram lidar com “o legado dos regimes infames instalados durante a guerra”<sup>25</sup> visando legitimar uma nova ideologia política que excluiria a anterior. Judt questiona essa nova política dizendo que “se a legitimidade dos governos do pós-guerra dependia apenas da vitória militar sobre os fascistas, em que medida eram melhores do que os regimes dos tempos de guerra?”<sup>26</sup> O que aconteceu ao término da guerra foi tão hediondo quanto o seu curso:

---

<sup>23</sup> ROLAND, PAUL. Os julgamentos de Nuremberg. Os nazistas e seus crimes contra a humanidade. São Paulo: M. Book do Brasil Editora Ltda. 2013. p.8.

<sup>24</sup> Idem. p.9.

<sup>25</sup> JUDT, Tony Op.Cit. p.55.

<sup>26</sup> Idem.

“Em 1944-45, diante do avanço do Exército Vermelho, 5 milhões de alemães abandonaram as regiões orientais do Reich. Entre 1945 e 1948, os regimes instalados na Tchecoslováquia, na Polônia, na Romênia, na Iugoslávia e na Hungria expulsaram outros 7 milhões de indivíduos pertencentes a suas minorias alemãs. [...] Os estupros e massacres cometidos pelo Exército Vermelho criaram um clima de terror. Quase todas as mulheres foram estupradas – tanto velhas de sessenta e 75 anos quanto meninas de quinze ou doze [...] Quem não fugiu foi jogado nos campos de trabalho ou de detenção e despojado de todos os seus bens. Muitos tiveram de portar marcas de identificação – primeiro grandes suásticas pintadas nas roupas e depois distintivos. Assim a população pagou coletivamente pela humilhação racial que a política nazista infligira aos *Untermenschen*”<sup>27</sup>

O ódio aos alemães, segundo Mazower, era generalizado. Os aliados aceitaram a expulsão destes das zonas de ocupação soviéticas e da Polônia, gerando um deslocamento em massa e muitas mortes. “Aproximadamente 90 milhões de seres humanos foram mortos ou deslocados na Europa entre 1939-48.”<sup>28</sup> Esse dado representa a soma das “vítimas militares e civis, os prisioneiros de guerra e os civis obrigados a deixar sua terra em caráter definitivo ou temporário durante e após a guerra.”<sup>29</sup>

## 1.2 O contexto e o autor

O panorama explicitado acima, acerca do contexto da Alemanha pós 1945, auxilia na compreensão da obra *O Leitor* e na receptividade ou não desta pelo público. A fim de melhor compreender a obra, na perspectiva do autor, serão utilizados trechos da entrevista “*Bernhard Schlink author of 'The Reader' on Q TV*”<sup>30</sup>.

Bernhard Schlink nasceu na Alemanha no ano de 1944, cursou direito e também arriscou-se no campo da literatura. *O Leitor* foi considerado um *Best-seller* e uma das obras mais traduzidas e lidas no mundo. O autor esperava que seu livro fosse lido por

“jovens e mais velhos, mulheres e homens, intelectuais ou não, pessoas com diferentes tipos e níveis de educação de uma ampla gama de países, e é um livro para quem lê muito ou não. Entre os pontos altos também estão as cartas que eu recebo em que alguém me escreve que em geral não lê muito mas que o meu livro foi recomendado por alguém, que começou a ler e não parou mais. Minha mãe, que é suíça

---

<sup>27</sup> MAZOWER Op.Cit. 2001.p.218.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsbptLzHye4>. Último acesso em 18/11/2018. A tradução anexada nesta monografia foi autoral.

e nasceu democrata, me passou a ideia, quando eu era criança, de que se eu quisesse dizer algo numa democracia deveria dizer de um jeito que todos pudessem entender. Hoje eu sei que isso não se aplica à arte. Mas fico feliz de ter escrito um livro democrático do jeito que foi.”<sup>31</sup>

Quando perguntado sobre o motivo da narrativa ter ecoado “profundamente” em todo o mundo, Schlink responde que “é uma história alemã, mas, sobretudo, uma história de como nos tornamos enredados na culpa daqueles que admiramos, respeitamos, amamos.”<sup>32</sup> Segundo o autor, a culpa atingiu uma dimensão que transcende gerações. Ao longo da produção deste trabalho, pude perceber – através da leitura de relatos autobiográficos de alemães da geração pós guerra – que “culpa” e “julgamento” são palavras citadas frequentemente e fazem parte da trajetória histórica desta geração.

Tania Crasnianski, neta de um ex-oficial da Força Aérea Alemã durante o período nazista, escreveu um livro sobre relatos de familiares da elite do nazismo. No livro a autora diz “é muito difícil para os filhos julgar seus pais. [...] Quanto maior a proximidade afetiva, mais complicado o julgamento.”<sup>33</sup> Em um outro momento a autora questiona “Devemos nos sentir responsáveis, ou mesmo culpados, pelo que nossos pais fizeram?”<sup>34</sup> Ambas as questões estão presentes – também – na fala de Schlink.

Outro ponto polêmico da obra se deu pelo fato de Schlink apresentar a protagonista Hanna Schmitz como uma mulher forte, determinada, sensível, sofrida e – principalmente – com um rosto. O autor foi acusado de “apresentar uma pessoa que cometeu crimes monstruosos, não como um monstro, mas com um rosto”.<sup>35</sup> A discussão trazida por Hannah Arendt em *Eichmann em Jerusalém*, dialoga com a fala do autor, visto que Arendt desmistifica a monstruosidade de Eichmann e o caracteriza como uma “banalidade do mal”. A autora afirma que:

“Apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um ‘monstro’, mas era difícil não desconfiar que fosse um palhaço [...] De minha parte, estava efetivamente convencida de que Eichmann era um palhaço: li com

---

<sup>31</sup> Bernhard Schlink comenta 'O leitor', de Stephen Daldry. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/bernhard-schlink-comenta-leitor-de-stephen-daldry-163267.html>  
Acesso em: 26/11/2018.

<sup>32</sup> Ver entrevista em anexo..

<sup>33</sup> CRASNIANSKI, Tania. Filhos de nazistas. Os impressionantes retratos de família da elite do nazismo. São Paulo: Vestígio. 2018. p.11

<sup>34</sup> Idem. p.10

<sup>35</sup> Ver entrevista em anexo.

atenção seu interrogatório na polícia, de 3.600 páginas, e não poderia dizer quantas vezes ri, ri às gargalhadas!”<sup>36</sup>

O principal argumento de Eichmann, segundo Arendt, foi “não sou o monstro que fazem de mim. Sou uma vítima da falácia.”<sup>37</sup> Óbvio que seu argumento é passível de contestação, porém, nota-se que a “monstruosidade” foi uma das características que mais fora atribuída a pessoas que, assim como Eichmann, na realidade, e Hanna Schmitz, na ficção, serviram ao regime nazista. O fato de terem servido ao regime não lhes tirou o rosto mas sim, sob certo ponto de vista, a humanidade.

Ainda segundo Schlink,

“as pessoas que cometem crimes monstruosos não são necessariamente monstros [...] Aprendemos a admirar um professor que possivelmente tivesse estado envolvido em algo horrível; ele era uma pessoa simpática e, ao mesmo tempo, estava envolvido em algo horrível”.<sup>38</sup>

Posto isso, podemos levar a hipótese de que a geração do autor aprendeu a lidar com o passado de uma maneira distante e ao mesmo tempo próxima, devido à participação de seus familiares ou conhecidos nos horrores da política nazista. Nessa perspectiva, Schlink demonstra não acreditar no indivíduo totalmente “bom” ou totalmente “mal”.

Perguntado sobre o que a personagem Hanna Schmitz representava para si, Bernhard Schlink defende a condição de criminosa de Hanna, mas traz a ideia da superficialidade de informações sobre o que a personagem estava prestes a fazer quando aceitou o emprego no campo de concentração. O autor ainda justifica a escolha de Hanna como decorrente da sua condição de analfabeta.

“Ela [Hanna] nunca entendeu inteiramente o que fez, ela foi condenada a prisão [mas] entendeu superficialmente o que fez [...] muitos, como ela, estiveram envolvidos nos crimes do Terceiro Reich. Eles conseguem ter uma noção, mas muitos nunca entenderam completamente qual era a “religião” deles.”

A “religião” aqui pode ser entendida como uma doutrinação ideológica por parte do regime nazista com relação àqueles que prestavam serviço direta ou indiretamente ao nazismo. O Holocausto, acontecimento assombroso e terrível decorrente do desmanche da

---

<sup>36</sup> ARENDT, Hannah. . A dignidade da política: ensaios e conferências. Trad. Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.p.137.

<sup>37</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.269

<sup>38</sup> Ver entrevista em anexo.

democracia, ocorreu em função da sociedade moderna ocidental e de suas instituições burocráticas, baseada num desejo de transformar uma sociedade em “perfeita”, ordenado sistematicamente e racionalmente numa violência politizada.<sup>39</sup>

Dito isso, chamo a atenção para a pergunta do jornalista: “o leitor é, em parte, para testar nosso conceito de justiça. Como o legado do Holocausto moldou seu senso do que constitui uma justiça verdadeira?”<sup>40</sup> Para o autor, “as sentenças foram relativamente poucas e foram sentenciadas as classes mais baixas do que as classes mais altas. No caso das classes mais baixas, era mais fácil provar que elas haviam estado envolvidas. [...] o Estado falhou com crimes desta proporção”. Segundo o autor Tony Judt

“se tratando do pós-guerra, é difícil avaliar o sucesso dos julgamentos e expurgos antifascistas realizados na Europa antes ocupada. O procedimento das sentenças era muito criticado à época. [...] Na primavera de 1945, transgressores acusados de crimes menos graves receberam sentenças prisionais bem mais longas do que colaboracionistas inveterados cujos processos só chegariam aos tribunais um ano mais tarde.”<sup>41</sup>

Na narrativa, o protagonista Michael Berg, faz uma reflexão sobre esse foco; “uns poucos sendo julgados e condenados e nós, a geração seguinte, ficando mudos, horrorizados, envergonhados e culpados – deveria ser assim?”<sup>42</sup> A noção de justiça, no caso dos crimes de guerra, será melhor abordada no capítulo dois desta monografia.

Outro ponto que permeia o discurso do autor é a moralidade. Para Bernhard Schlink há uma obrigação moral que deve ser acompanhada pelo respeito àqueles que representaram referências positivas na vida de outrem, mesmo que no passado tenham cometido crimes.

“Não há saída fácil. Quero dizer, não há como sair dessa tensão, você sabe que a pessoa fez algo horrível, mas ainda assim você concorda em respeitar seu amor por essa pessoa, você quer entender, quer condenar e tem que condenar e você tem que entender, e essa é a situação para a qual não há solução. Temos que viver com isso. E não acho que seja uma ambiguidade moral [...]há alguma obrigação moral de respeitar aqueles que nos trataram de maneira que merecem nosso respeito, nossa admiração. Eu não acho que seja ambíguo, é atenção.”<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> BAUMAN, Z. Singularidade e normalidade do Holocausto. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>40</sup> Ver entrevista em anexo .

<sup>41</sup> JUDT, T. Op. Cit. 2008. p.64.

<sup>42</sup> SCHLINK, Bernhard. *O leitor*. Tradução de Pedro Sussekind. 7ª edição. Rio de Janeiro. Editora Record, 2009. p.117.

<sup>43</sup> Informação retirada da entrevista em anexo.

Todorov afirma que “o passado a serviço do presente é uma ação”.<sup>44</sup> e que para avaliá-lo utilizamos de critérios políticos e morais, tornando algo “bom” ou “mal”. Posto isso, o autor incita uma reflexão sobre nossa capacidade legitimadora de emitir julgamentos: “É legítimo emitir julgamentos sobre o passado?”<sup>45</sup> O autor apresenta vários argumentos que questionam tal legitimidade, entre eles o “ato só pode ter valor moral se tivesse podido não se reproduzir”<sup>46</sup>. Diante desse argumento, questionar as atitudes desempenhadas por pessoas que estavam inseridas em um regime autoritário, portanto, sem a liberdade de negar sua reprodução, ilegítima o discurso moral?

Nesse ponto, torna-se evidente a “relatividade de todos os valores”.<sup>47</sup> Ainda segundo Todorov, há uma dificuldade em responder a tal indagação visto que “a concepção do bem não permaneceu intacta ao longo dos séculos”.<sup>48</sup> Portanto, “a oposição entre nossas ideias morais e as de nossos antepassados longínquos poderia permitir-nos indetificar os critérios que utilizamos, de maneira menos ou mais consciente”.<sup>49</sup> Posto isso, é importante ressaltar que nossos valores morais sofrem influência do meio em que vivemos e da forma como somos criados, logo, se seguirmos essa linha de raciocínio somos capazes de compreender os motivos que levaram, por exemplo, a filha de Heinrich Himmler a sentir orgulho de seu pai. Segundo Tania Crasnianski, Gudrun – filha de Himmler – “nunca cessou de defendê-lo, incapaz de aceitar que o objeto de seu amor filial fosse o mostro SS, o fanático tacanho, organizador e executor da Solução Final. Está convencida de que novos elementos virão inocentá-lo”.<sup>50</sup> Arendt, por sua vez, defende que o mal não tem raízes, nem profundidade.

Além da ambiguidade moral, citada acima, a questão da obediência também é fundamental no entendimento do comportamento de Hanna. Bernhard Schlink afirma que a protagonista não foi forçada ou obrigada a aceitar o trabalho no campo de concentração: Ela não foi forçada a fazer [...] Ela não disse para [as pessoas] irem para as filas ou que teve que obedecer à todas as ordens. Ela disse: eu assumi essa tarefa e a tarefa era como eu poderia

---

<sup>44</sup> TODOROV, Tzvetan. Memória do mal, tentação do bem. Tradução de Joana Angélica D’AVILLA Melo. São Paulo, 2002.p.156

<sup>45</sup> Idem. p.157

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Idem. p.160

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Idem. p. 160-61.

<sup>50</sup> CRASNIANSKI, T. Op.Cit. 2018. p.36.

abrir a porta e deixar os prisioneiros irem?<sup>51</sup> Diferentemente de Eichmann, levanto a hipótese de que Hanna realmente não teve uma consciência crítica de seu papel nos campos de concentração. No livro nos é mostrado que a personagem escolhia empregos que pudessem disfarçar sua condição de analfabeta, portanto, a vergonha de não saber ler ou escrever levou a personagem a aceitar “qualquer” emprego.

Como já mencionado, Bernhard Schlink é um autor alemão que escreve sobre o Holocausto. Muitas pessoas encararam esse fato como uma provocação, já que se trata de uma escrita cujo personagem principal é um alemão que se apaixona por uma ex-guarda de campo de concentração e ambos vivem um romance no pós guerra. Perguntado sobre como o autor lida com a repercussão Schlink diz:

“Essa tensão que eu apenas estava tentando falar era particularmente vívida para muitos de nós. Que, no meu caso, tornou-se meu professor de inglês e, depois de ter sido aposentado, viu-se que ele estava envolvido em algum caso, denúncia. Quando eu fui para a faculdade de direito, havia um chamado “*armário venenoso*” em que os livros dos anos 30 e 40 estavam trancados e não tivemos acesso até meados dos anos 60. Lemos o que nossos professores haviam escrito, então lá tinha essa tensão que foi uma experiência para mim e muitos outros.”<sup>52</sup>

Nessa parte da entrevista, o autor nos dá a entender que ao longo de sua trajetória de vida conheceu professores envolvidos com crimes de guerra e estes posteriormente foram indiciados judicialmente. Com relação à ética de trabalho nos tempos do terceiro Reich, Richard J. Evans afirma que “para os funcionários públicos, administradores municipais, juízes e promotores, professores e servidores estatais de todo o país, um arraigado senso de dever assegurou que seguissem realizando seu trabalho [...] porque era isso que a lei exigia que fizessem”.<sup>53</sup> Para Arendt, “apenas aqueles que se retiraram completamente da vida pública, que recusaram a responsabilidade política de qualquer tipo, puderam evitar tornar-se implicados em crimes, isto é, puderam evitar a responsabilidade legal e moral”.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> Ver entrevista em anexo.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> EVANS, Richard J. Terceiro Reich Na história e na memória. Novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intrincada economia e seus efeitos na Alemanha do pós guerra. São Paulo; Editora Planeta do Brasil. 2018. p.363

<sup>54</sup> ARENDT, Hannah. Responsabilidade e julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.p.96

Ainda segundo o mesmo autor, essa situação é comum entre sua geração, mas revela que a “quarta geração” vive menos sob a “sombra do passado”<sup>55</sup>. “Para muitos deles, é realmente um passado com o qual eles não têm nenhum link pessoal”<sup>56</sup>.

“A terceira geração é dificilmente implicada na culpa da geração da guerra e a quarta geração não é implicada em nada. Esta implicação requer que uma pessoa conheça os que estiveram envolvidos nos crimes como agentes, instigadores, ajudantes, espectadores, e que a pessoa experimente diretamente a tensão entre afeição e horror assim como o apoio e a condenação sem ser capaz de reconciliar isso de maneira satisfatória.”<sup>57</sup>

Procurou-se mostrar que as questões, abordadas na entrevista e debatidas pelo autor, foram formuladas a partir de sua vida pessoal e estabeleceram um elo com a obra *O Leitor*. Diante disso, podemos afirmar que a presente literatura estabelece uma ligação entre o universo ficcional e o real, visto que temos a possibilidade de debater elementos ou situações verossimilhantes presentes na obra *O Leitor* e, ainda, perceber nessa narrativa a memória como questão central que permeia a explicação dos acontecimentos vividos pelos personagens em diferentes tempos e espaços. Graças à “renovação historiográfica”<sup>58</sup>, tornou-se possível adotar problematizações de outras temáticas como, por exemplo, a narrativa histórica ficcional e, desse modo, constatar novas inquições/aprofundar outras discussões, expandindo-se assim o olhar para a História

---

<sup>55</sup> Ver entrevista em anexo.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Bernhard Schlink comenta 'O leitor', de Stephen Daldry. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/bernhard-schlink-comenta-leitor-de-stephen-daldry-163267.html> Acesso em: 26/11/2018.

<sup>58</sup> A desconstrução ou/e construção histórica foi denominada por Pacheco Borges como “uma ampla renovação historiográfica”. Para saber mais ver: Borges, Vavy Pacheco (2006), “Alcance e limites da biografia”, *Anais do XVIII Encontro Regional de História: O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006.

## CAPÍTULO 2: Entre a realidade e a ficção

“Em 1947/48, registrei no papel as recordações ainda muito vívidas da minha vida junto a Hitler. Era a época em que “nós todos” olhávamos para a frente e suavizávamos e reprimíamos – por sinal, com surpreendente sucesso – o que tinha acontecido. Naquela época eu ia para o trabalho despreocupada e queria guardar os episódios e os acontecimentos mais importantes do momento, antes que os detalhes que poderiam suscitar algum interesse mais tarde se apagassem ou fossem totalmente esquecidos.”<sup>59</sup>

O capítulo dois dessa monografia se inicia com uma citação que exemplifica o desejo de encobrir a participação nos horrores provocados durante o período da guerra. Traudl Junge, autora da epígrafe acima, foi secretária de Hitler durante os três anos finais da guerra (1942-1945). A expressão “nós todos”, utilizada por Junge, possivelmente, remete a uma grande parte da população alemã que demonstrava o desejo de suavizar ou de não se auto culpabilizar pelo ocorrido. “Olhar para frente” pode significar uma necessidade de esquecimento ou distanciamento de algum acontecimento passado, tal desejo e suas consequências serão explorados ao longo desta monografia.

Entendendo-se que a literatura é uma representação que estabelece relações com o real, a reflexão proposta para esse capítulo permeará a realidade e a ficção de forma a discutir a questão da culpa, julgamento e memória no pós-guerra. Para tal serão utilizados relatos de agentes do nazismo de diferentes escalões, assim como os de descendentes dos mesmos, buscando dialogar com a obra “O leitor”.

### 2.1 As vozes do silêncio

Há um consenso historiográfico que diz respeito ao silenciamento dos alemães com relação a informações referentes ao nazismo no pós-guerra. Segundo Michael Pollak, isso ocorreu devido à vergonha de ter simpatizado ou participado ativamente do regime.<sup>60</sup> Os relatos apareceram anos depois através de livros, filmes, documentários, entre outros, como uma forma de divulgação global dos horrores sofridos e provocados pelas políticas de extermínio nazista. É importante ressaltar que se tornaram mais comuns os testemunhos de vítimas do holocausto em comparação com os testemunhos de seus carrascos. Tzvetan

---

<sup>59</sup> Junge, Traudl. *Até o Fim - Os Últimos Dias de Hitler Contados Por Sua Secretária*. Ediouro: Rio de Janeiro. 2005. p.9

<sup>60</sup> POLLAK, Michael. “*Memória, Esquecimento, Silêncio*”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.p.6

Todorov afirma que “muitos sobreviventes desses campos sentiram-se como investidos de uma missão – testemunhar – e não deixaram de cumpri-la.”<sup>61</sup>

Ainda nas palavras de Todorov, “cada pessoa é testemunha de sua própria existência, cuja imagem ela constrói omitindo certos acontecimentos, retendo outros, deformando ou acomodando outros ainda.”<sup>62</sup> Posto isto, cabe ao historiador, “representante da disciplina cujo objeto é a reconstituição e análise do passado”<sup>63</sup>, elaborar uma narrativa embasada em fontes que atendem aos critérios postos, colaborando assim para o entendimento da história a partir de diferentes pontos de vista, tendo como pressuposto que nenhuma verdade é absoluta.

Para a elaboração desta monografia, adotei como um dos critérios a análise dos discursos de diferentes indivíduos que participaram ativamente ou não do regime nazista. Os que não participaram ativamente descendem de agentes que colaboraram para o seu triunfo. Dessa forma, pude elucidar e comparar o comportamento dessas pessoas no pós-guerra, quando confrontadas sobre os seus feitos ou através de testemunhos voluntários, com o comportamento de Hanna e Michael Berg, ambos protagonistas da obra ficcional.

Tal comparação pôde ser admitida, pois a literatura

“tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época é um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa às experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos [...] e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. [...] registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste.”<sup>64</sup>

Portanto, considerando que a literatura é um produto sociocultural construído a partir de influências do meio no qual está inserido, é importante ressaltar que o autor Bernhard Schlink<sup>65</sup>, ao escrever a obra “O Leitor”, possivelmente tenha se utilizado de experiências pessoais para construir a narrativa, visto que Schlink é alemão e faz parte da geração pós-guerra. Segundo o autor, ““O leitor” não é um livro sobre nacional-socialismo nem sobre o

---

<sup>61</sup> TODOROV, Tzvetan. Memória do mal, tentação do bem. Tradução de Joana Angélica D’AVILLA Melo. São Paulo, 2002.p.211

<sup>62</sup> Idem. p.151

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> História e Literatura: Algumas Considerações. Disponível em: [https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO\\_\\_BORGES.pdf](https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf). Acesso em 08/10/2018.

<sup>65</sup>O autor, Bernhard Schlink, nasceu em 1944 em Bielefeld, Alemanha. É professor de Direito e Filosofia da Universidade Humboldt desde 1996.

Holocausto. É um livro sobre a relação entre a geração do pós-guerra e a geração da guerra, sobre a implicação da geração pós-guerra na culpa da geração da guerra, e sobre a implicação na culpa em geral.”<sup>66</sup>

As vozes do silêncio aos poucos começaram a ecoar. Nos anos que sucederam o nazismo, houve uma busca midiática por depoimentos e/ou entrevistas com os descendentes dos algozes nazistas ou/e com os mesmos, visando à produção de documentários, filmes, livros, entre outros tantos materiais de divulgação. Havia muitas perguntas e quase nenhuma resposta, poucos vieram a público dar o seu depoimento. Como conviver com um passado quando este é tão atroz?

“Nunca escondi meu passado, mas o ambiente em que eu vivia facilitava muito a sua repressão nos anos posteriores à guerra: eu era muito jovem e inexperiente para perscrutar meu chefe, que, por trás de uma fachada solene, escondia uma sede de poder criminosa. Essa opinião não era apenas da comissão de “desnazificação” que me liberou como “partidária juvenil”. Todos os conhecidos com os quais eu discutia minhas experiências diziam o mesmo, não só aqueles que eram suspeitos de cumplicidade, mas também os perseguidos pelo regime. Acatei essa alforria sem retrucar. Afinal, eu tinha acabado de festejar meu 25º aniversário quando a Alemanha nazista ruiu, e meu desejo principal era um só: viver.”<sup>67</sup>

Conforme o testemunho de Junge, havia explicações objetivas que eram aceitas como justificativas plausíveis para o envolvimento de determinados segmentos sociais com o regime nazista. Tais “desculpas” poderiam partir da comissão de desnazificação, composta por autoridades de países Aliados, que tinham por objetivo limitar a autonomia e os poderes políticos do país cuja presença do Nacional Socialismo se fez presente.<sup>68</sup> Torna-se possível afirmar que houve uma política de encobrimento das ações e culpabilizações dos envolvidos no regime, pois, conforme dito por Traudl Junge, tal justificativa configurou uma nova chance de vida para a população, tanto para aqueles que foram cúmplices quanto para os perseguidos pelo regime.

---

<sup>66</sup> Bernhard Schlink comenta 'O leitor', de Stephen Daldry. Disponível em:<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/bernhard-schlink-comenta-leitor-de-stephen-daldry-163267.html> Acesso em:26/11/2018.

<sup>67</sup> JUNGE,T.Op.Cit.2005. p.10

<sup>68</sup> Sobre o assunto ver: STUHLPFARRER, Karl. Áustria - neutralidade permanente: A política externa austríaca desde 1945. Serviço Federal de Imprensa: Viena, 1984

Em “O Leitor”, a personagem Hanna, corrobora com o perfil dos alemães do pós-guerra que evitavam lembrar o passado. Tal interpretação se evidencia no trecho a seguir:

“Perguntei-lhe sobre seu passado, e foi como se ela procurasse numa arca empoeirada aquilo que me respondia [...] Aquilo que eu queria saber com mais detalhes ela simplesmente não sabia mais. E também não entendia por que me interessava o que tinha sido feito de seus pais, se ela tinha irmãos, como vivera em Berlim e o que fizera entre os soldados.”<sup>69</sup>

Uma das hipóteses que justificaria a escolha de Hanna em “guardar” as memórias do tempo em que serviu ao nazismo, se dá pela falta de consciência ou questionamento – da personagem - perante os próprios atos, que eram consentidos e estimulados pelo contexto do regime político e ideológico nazista. Não é perceptível neste trecho, um sentimento de culpa ou remorso, mas sim a vontade de “olhar para frente” como afirmou Traudl Junge quando se referiu ao sentimento alemão. Na opinião de Bernhard Schlink, autor do livro, há uma falta de entendimento do “evento” por parte das pessoas com envolvimento direto ou indireto<sup>70</sup>. Hannah Arendt defende que, devido à massificação da sociedade, se criou uma multidão incapaz de fazer julgamentos morais, razão pela qual aceitam e cumprem ordens sem questionar.<sup>71</sup> Assim, segundo Gérard Vincent, a “inconsciência pode fazer mais mal do que todos os instintos destrutivos juntos, e pode se manifestar em qualquer pessoa, o que não absolve o criminoso, mas não justifica tampouco a tese da culpa coletiva”.<sup>72</sup>

“Quando voltei a ler meu manuscrito, depois de muitas décadas, me assustei e me envergonhei por ter agido com tamanha falta de senso crítico e distanciamento. Como pude ser tão ingênua e leviana?”<sup>73</sup> O questionamento trazido por Junge, denota uma proximidade com o papel de Hanna na obra, em que a personagem traz em sua trajetória a falta de senso crítico e um distanciamento com os danos provocados às vítimas do Holocausto, como é possível ser percebido no diálogo entre a personagem e o juiz, sobre as seleções nos campos de concentração:

“— Nenhuma das senhoras se recusou, as senhoras agiram todas em conjunto?  
— Sim.

---

<sup>69</sup> SCHLINK, Op.Cit., 2009. p.47.

<sup>70</sup> Informação retirada da entrevista com o autor Bernhard Schlink.

<sup>71</sup> ARENDT, Op.Cit. 1999.

<sup>72</sup> VINCENT, Gérard; PROST, Antonie. *História da vida privada: Da primeira guerra a nossos dias*. Companhia das Letras, 2009. p. 202.

<sup>73</sup> JUNGE, T. Op.Cit. 2005. p.9.

— As senhoras não sabiam que estavam mandando as prisioneiras para a morte?

— Sim, mas as novas vinham, e as velhas tinham que dar lugar para as novas.

— Portanto as senhoras, porque queriam criar novos lugares, disseram: Você e você têm de ser mandadas de volta e assassinadas?”<sup>74</sup>

Hannah Arent, ainda em *Eichmann em Jerusalém*<sup>75</sup>, escreve um relato sobre o julgamento de Eichmann, carrasco nazista, que logo após o término da Guerra foge para Buenos Aires, Argentina, e passa a viver como um cidadão comum sem nenhuma reflexão ou culpa pelo horror provocado durante o período nazista. Arendt faz uso da expressão “banalidade do mal”<sup>76</sup> para adjectivar a personalidade superficial e pouco reflexiva de Eichmann. Segundo a autora, o linguajar [de Eichmann era] estruturado por sentenças prontas, robotizadas, como por exemplo: *minha honra é minha lealdade*<sup>77</sup>. Arendt ao avaliar o caráter de Eichmann, se mostra perplexa com o fato deste ser banal. O réu não sentia ódio por suas vítimas, não demonstrava ter inclinações sádicas ou crueldade exacerbada. Nas palavras da autora, era extremamente respeitoso com a ordem estabelecida e com as leis e regulamentos em vigor. Seu principal objetivo ao organizar os aspectos técnicos dos assassinatos em massa era intensificar sua carreira e não causar danos a outros, o que ele considerava uma consequência necessária e não um meio em si.

Posta esta reflexão, há um ponto em comum entre Eichmann e Hanna Schmitz que se dá pela capacidade de ambos em dar continuidade às suas vidas particulares sem uma reflexão sobre o papel que desempenharam nos campos de concentração. Entretanto, Hanna é retratada como uma funcionária de baixo escalão da SS<sup>78</sup>, enquanto Eichmann possuía o posto de Tenente Coronel da SS e foi o principal responsável pela deportação em massa de judeus para campos de extermínio. Mesmo com a diferença de cargos, ambos vão a julgamento, mesmo se tratando de um personagem real e um fictício, chamo a atenção para os seguintes trechos:

---

<sup>74</sup> SCHLINK, B. Op.Cit. 2009. p.125.

<sup>75</sup> ARENDT, H, Op.Cit, 1999.

<sup>76</sup> “Por traz da expressão “banalidade do mal” não procurei sustentar nenhuma tese ou doutrina, muito embora eu estivesse consciente de que ela se opunha à nossa tradição de pensamento literário, teológico ou filosófico, sobre o fenômeno do mal” In Souki N. Hannah Arendt e a banalidade do mal. Belo Horizonte (BH): Editora UFMG; 1998.

<sup>77</sup> ARENDT H, Op.Cit. 1999.

<sup>78</sup> SS é uma sigla utilizada para representar a *Schutzstaffel*, um dos principais exércitos do governo nazista de Adolf Hitler.

“Eichmann sabia o que estava fazendo? Havia, além disso, outra pergunta: ele teria estado em posição de julgar a enormidade de seus feitos, ele seria legalmente responsável, além do fato de ser medicamente são? [...] A matança dos judeus tinha ido contra a sua consciência?”<sup>79</sup>

“Mas será que o vislumbre do quanto à situação era difícil podia relativizar o terror causado pelo o que as acusadas fizeram, ou pelo o que deixaram de fazer?”<sup>80</sup>

Ambos os trechos questionam a consciência dos acusados. No caso de Eichmann, Arendt relata que o advogado de defesa do acusado trabalhou com a hipótese de que “sua culpa [de Eichmann] provinha de sua obediência, e a obediência é louvada como virtude. Sua virtude tinha sido abusada pelos líderes nazistas. Mas ele não era membro do grupo dominante, ele era uma vítima, e só os líderes mereciam punição”.<sup>81</sup> Arendt não concorda que Eichmann tenha sido vítima de sua obediência. Essa questão também é fundamental no entendimento do comportamento de Hanna. Bernhard Schlink afirma que a protagonista não foi forçada ou obrigada a aceitar o trabalho no campo de concentração.

Posto isso, como julgar os crimes que foram praticados de forma legal em uma época cuja sociedade sucumbiu ao conjunto de valores morais defendidos e impostos por um *Führer*?

## 2.2 Nazismo: nunca mais?!

O subtítulo deste capítulo traz uma menção à obra “Brasil: Nunca mais”<sup>82</sup>, o projeto desenvolvido, principalmente, por Dom Paulo Evaristo Arns, e que se constitui em um compilado de relatos que tratam do período de repressão e tortura adotados pelo governo do Brasil entre 1964 - 1979. Utilizei-o, intencionalmente, para introduzir uma reflexão acerca dos crimes de guerra cometidos pelos nazistas, suas punições e tentativas de extingui-lo do campo das ideias. Os julgamentos de pessoas que participaram ativamente destes crimes de guerra repercutiram das mais variadas formas e formatos. Há diversas especulações quanto às penas

---

<sup>79</sup> ARENDT, Op.Cit. 1999. p. 106.

<sup>80</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p.143.

<sup>81</sup> ARENDT Op.Cit. 1999. p. 269.

<sup>82</sup> O Projeto “*Brasil: Nunca Mais*” foi desenvolvido por Dom Paulo Evaristo Arns, Rabino Henry Sobel, Pastor presbiteriano Jaime Wright, entre outros colaboradores. A equipe se dedicou, durante oito anos, a reunir cópias de processos políticos que tramitaram pela Justiça Militar, entre abril de 64 e março de 79. Um compilado de relatos dolorosos da repressão e tortura que se abateram sobre o Brasil. Para saber mais ver *Brasil: nunca mais. Um relato para a história*. Pref. D. Paulo Evaristo Arns. 28ª. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1996

aplicadas para os protagonistas do chamado período sombrio do século XX. Seus crimes, que ficaram conhecidos mundialmente devido ao testemunho das vítimas dos campos de concentração, fomentaram a criatividade de escritores de obras fictícias e estudiosos do tema. O objetivo não será a análise do discurso das vítimas reais, mas sim uma análise do julgamento da personagem Hanna Schmitz.

Bernhard Schlink dedica a intitulada *parte dois* do livro ao julgamento criminal e ideológico de Hanna sob a perspectiva do protagonista Michael Berg. Nessa parte do livro, torna-se perceptível o incômodo por parte do personagem que traz questionamentos acerca das punições dadas aos culpados pelos crimes de guerra e a respeito da herança das gerações do pós-guerra, conforme o excerto abaixo:

“... o que a minha geração deve e deveria fazer com as informações sobre as atrocidades do extermínio dos judeus? Não devemos ter a pretensão de compreender o que é incompreensível, não temos o direito de comparar o que é incomparável, não temos o direito de investigar, porque quem investiga, mesmo sem colocar nas perguntas as atrocidades, faz delas objeto da comunicação, não as tomando como algo diante do que só se pode emudecer, horrorizado, envergonhado e culpado. [...] uns poucos sendo julgados e condenados, e nós, a geração seguinte, ficando mudos, horrorizados, envergonhados e culpados – deveria ser assim?”<sup>83</sup>

Para além da justiça, tanto na ficção quanto na realidade, os julgamentos tinham como objetivo exercer um papel educativo para a população. Tony Judt afirma que “desde o início, os julgamentos de crimes de guerra perpetrados por alemães tanto envolveram pedagogia quanto justiça.”<sup>84</sup> Os julgamentos, em especial o de Nuremberg, “foram transmitidos pela rádio alemã, duas vezes ao dia, e as provas ali acumuladas seriam expostas em escolas, cinemas e centros educacionais por todo o país”<sup>85</sup>. Como já debatido no capítulo um desta monografia, o conhecimento das atrocidades nazistas seria um meio de combater a ideologia no campo da cultura.

Como já dito, na intitulada *parte dois* do livro, o protagonista Michael Berg, ainda estudante de direito, está juntamente com os colegas de faculdade participando do julgamento das condenadas por crimes de guerra, entre elas Hanna Schmitz. Percebemos aqui o caráter pedagógico descrito por Judt. Segundo a própria narrativa ficcional, o professor envolveu a

---

<sup>83</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. pp. 115-16.

<sup>84</sup> JUDT, Tony. Op.Cit. 2008. p.67.

<sup>85</sup> Idem.

participação dos alunos no processo de campos de concentração para obter “a ajuda dos estudantes”<sup>86</sup> nos procedimentos judiciais buscando “acompanhá-lo e avaliá-lo por inteiro”<sup>87</sup>.

O momento em que ambos os protagonistas se reencontram no tribunal, pode ser considerado o clímax do livro. Com o desenrolar da história, torna-se possível perceber elementos que dialogam com o real como, por exemplo, o professor ser descrito como “um dos poucos que trabalhavam naquela época sobre o passado nazista e os respectivos processos judiciais.”<sup>88</sup> Essa informação reafirma o que foi discutido anteriormente sobre o silêncio dos alemães acerca do nazismo.

No início do primeiro capítulo da *parte dois*, Michael Berg traz como palavra chave a superficialidade, quando busca descrever seu sentimento por Hanna. O personagem afirma que a perda de sua grande paixão da juventude, Hanna Schmitz, o fez encarar as situações e as pessoas com frieza. Nesse primeiro momento, percebemos que os motivos que levaram Hanna a julgamento ficam em segundo plano para Berg. O protagonista sobrepõe seus sentimentos pela ex-guarda da SS a qualquer reflexão moral sobre o nazismo e seus crimes, assim, logo percebemos que a superficialidade não era uma característica presente naquele cenário, mas será um adjetivo importante para permear as reflexões trazidas por Berg.

No âmbito do Direito, o narrador personagem traz a discussão sobre a proibição de penas retroativas. A retroatividade da lei penal se caracteriza por “retroagir aos fatos acontecidos antes de sua entrada em vigor para favorecer o réu com uma pena mais benéfica”,<sup>89</sup> ou seja, caso as acusadas recebessem o benefício das penas retroativas, poderiam receber sentenças leves, pois ficaria comprovado que o crime cometido por elas, não estava previsto em lei na época em que ocorrera. Dito isso, Berg questiona o poder de justiça:

“Bastava o fato de o parágrafo pelo qual os guardas e carrascos dos campos de concentração eram julgados já estar no código penal, na época de seus atos? Ou dependia de como ele foi entendido e cumprido naquela época, e do fato de então ele não se aplicar de modo algum a eles? O que é direito? O que está no código ou o que é imposto e cumprido de fato na sociedade?”<sup>90</sup>

---

<sup>86</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p. 101.

<sup>87</sup> Idem.

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> Princípio da retroatividade da Lei Benéfica. Disponível em:

<https://mlsousa.jusbrasil.com.br/artigos/123406054/lei-temporaria-e-o-principio-da-retroatividade-da-lei-penal-benefica>. Acesso em 02/11/2018.

<sup>90</sup> SCHLINK, , Op.Cit. 2009. pp.101-102.

Sabemos que as leis são elaboradas e apresentadas à sociedade em um determinado tempo, espaço e contexto, podendo sofrer alterações ou exclusões. Sendo assim, é possível afirmar que estes códigos são produtos humanos de tempos e espaços diferentes. Esta obviedade é simples e complexa de ser analisada, pois os indivíduos que sofreram o processo da nazificação, e posteriormente de desnazificação, foram moldados e apresentados a realidades judiciais distintas em um curto período de tempo. Tal atitude não justifica em hipótese alguma a prática da perseguição aos judeus ou qualquer outro ato impulsionado pelo nazismo, porém, numa análise minuciosa torna-se concebível a hipótese do não envolvimento direto de setores da população alemã nos crimes de guerra.

O professor de Direito do protagonista é apresentado como um “cientista jurídico”, que debate com os estudantes os pormenores do julgamento das ex-guardas da SS. Dando-lhes a missão de revisores do passado, conforme o trecho a seguir:

“Revisão! Revisão do passado! Nós estudantes do seminário, nos víamos como a vanguarda do processo de revisão. Abríamos as janelas, deixávamos entrar o ar, o vento que finalmente levantava a poeira que a sociedade deixara assentar sobre os temores do passado.”<sup>91</sup>

Novamente nos deparamos com o desejo de esquecimento do passado por parte dos que vivenciaram a experiência da guerra e, ao mesmo tempo, o desejo de justiça da nova geração, descrita como “vanguarda”. Outra passagem que expõe uma crítica pessoal do protagonista à geração anterior se dá através da acusação pessoal de Berg acerca da inércia da

“geração que se serviu dos guardas e carrascos, ou não os impediu, ou não os expulsou pelo menos, quando poderia tê-lo feito depois de 1945, estava diante do tribunal, e nós a julgávamos em um caso de revisão e esclarecimento, condenando-a à vergonha”.<sup>92</sup>

Ou seja, segundo Berg não eram culpados(as) apenas os ré(u)s do processo, mas sim toda uma geração que soube das atrocidades cometidas durante o período da guerra e tolerou o convívio – posterior – com os ex-agentes servidores do regime totalitário<sup>93</sup> em discussão. O personagem afirma que “todos condenamos nossos pais à vergonha, mesmo que se a única

---

<sup>91</sup> SCHLINK, , Op.Cit., 2009. p.102

<sup>92</sup> SCHLINK, , Op.Cit. 2009. p.102-103.

<sup>93</sup> Hannah Arendt pensa o totalitarismo a partir de sua especificidade partindo da ideia de domínio. Define o conceito por “dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida”. O totalitarismo, enquanto uma forma de governo burocrática e de intimidação estende sua ingerência à vida interior de todos os seus governados, tirando deles a liberdade e a privacidade. In ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p.375.

acusação que podíamos fazer era a de que após 1945 tinham tolerado o convívio com criminosos de guerra”.<sup>94</sup>

Inseridos no cenário dos julgamentos, os personagens estudantes criam uma identidade de grupo denominada “seminários dos campos”. “O que fazíamos não interessava aos outros; causava estranheza em muitos, causava repulsa em alguns, literalmente.”<sup>95</sup> O modo como os seminaristas lidavam com os acontecimentos é descrito como “quanto mais terríveis os acontecimentos sobre os quais líamos e ouvíamos falar, mais certos ficávamos de nossa tarefa de esclarecimento e acusação.”<sup>96</sup> Em determinado momento, pode-se afirmar que o sentimento de curiosidade do grupo fora a força motor para que continuassem a tarefa de esclarecimento e acusação. Michael Berg afirma que, de início, se “inscrevera no seminário por pura curiosidade.”<sup>97</sup> Adiante o protagonista faz uma auto-reflexão e conclui que “quis compartilhar a paixão geral”.<sup>98</sup>

Pode-se interpretar que o termo “paixão geral” refere-se ao sentimento de justiça perante a comprovação dos crimes de guerra. Pois, nas palavras de Berg, havia uma “boa sensação de pertencer àquilo e estar em paz comigo e com o que estava fazendo e em relação àqueles com quem estava fazendo.”<sup>99</sup> Posto isso, os estudantes juntamente com Berg transformam suas contribuições em uma “missão histórica”<sup>100</sup>.

Nesse contexto, Berg reencontra Hanna no tribunal. O reencontro não é romanciado, os protagonistas se olham uma única vez. Hanna aparece “sentada de costas”, Michael Berg a reconhece quando falam o nome completo de Hanna Schmitz e, desde o reconhecimento no início do julgamento até o final, o protagonista desencadeia uma série de reflexões acerca do envolvimento de Hanna nos crimes de guerra, do envolvimento amoroso entre ambos e ainda uma auto-reflexão sobre o papel do indivíduo alemão na geração do pós-guerra.

O advogado de defesa de Hanna é descrito como “o único advogado de defesa jovem”<sup>101</sup>, “os outros eram velhos; alguns, como logo se evidenciou, antigos nazistas”.<sup>102</sup> Diante disso, somos apresentados ao primeiro paradoxo da justiça que se dá pela presença de

---

<sup>94</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p. 103.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p.104.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> SCHLINK, , Op.Cit., 2009. p.105

<sup>101</sup> SCHLINK, , Op.Cit., 2009. p.107

<sup>102</sup> Idem.

advogados nazistas em um tribunal que julgará um crime de guerra. Considerando o dito popular “a arte imita a vida”, podemos levantar a hipótese de que “ex-nazistas” participaram dos julgamentos – não somente no banco dos réus – mas também exercendo cargos de justiça.

No decorrer do processo, a narrativa mostra ao seu leitor que Hanna não permanecia por muito tempo em uma única cidade, mas “registrava-se na polícia ao chegar e ao sair de cada local de residência”.<sup>103</sup> Essa situação se assemelha com a realidade no sentido de ter ocorrido uma migração em massa de muitos ex-nazistas depois do final da guerra. Inclusive para outros países.

Durante o julgamento somos apresentados as diferentes sensações demonstradas pelos membros do júri ao longo do processo:

“[...]Juízes e jurados [...] tomavam conhecimento das atrocidades – contadas e confirmadas às vezes entre lágrimas, às vezes com cox insegura, às vezes de modo exaltado ou perturbado – com visível abalo ou também com esforços evidentes de autocontrole. Mais tarde os rostos voltavam ao normal, podiam cochichar sorrindo uma observação, ou mesmo mostrar um sopro de impaciência quando uma testemunha se demorava muito no tema. Quando, no processo, falaram sobre uma viagem a Israel, onde uma testemunha deveria ser buscada, surgiu entre eles a alegria de viajar.”<sup>104</sup>

Tais sensações, sob o ponto de vista crítico, podem evidenciar o posicionamento questionador do autor Bernhard Schlink no que diz respeito ao comportamento que denominarei como “teatral” dos participantes, membros do júri, nos julgamentos de guerra. Visto que, conforme o texto, as emoções se transformavam de acordo com a repercussão do que era exposto.

Ao longo do processo, Michael Berg ressalta um sentimento de “entorpecência” por parte das vítimas do Holocausto, segundo ele “toda literatura dos sobreviventes relata esse entorpecimento, sob o qual as funções vitais são reduzidas, as atitudes tornam-se apáticas e egoístas, a câmara de gás e a cremação viram coisas cotidianas”.<sup>105</sup> No dicionário, a definição da palavra “entorpecimento” é: “ato ou efeito de entorpecer(-se); torpor, insensibilidade, fraqueza, desânimo.”<sup>106</sup> Segundo o personagem, os prisioneiros do campo de concentração sobreviviam “mês após mês acostumando-se, registrando com indiferença o horror dos recém-

---

<sup>103</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p.108.

<sup>104</sup> Idem. p.114.

<sup>105</sup> Idem..p.114.

<sup>106</sup> Significado retirado do dicionário online da plataforma Google . Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio> Acesso em 22/11/2018.

chegados”.<sup>107</sup> Retomando a ideia de que esta é uma obra literária, de um autor alemão que narra uma história ficcional que se passa na Alemanha do pós-guerra, expor o sentimento de um prisioneiro judeu, mesmo que em uma obra de ficção, como “insensível”, pode ser interpretado como uma provocação direta àqueles que passaram pela experiência desumana dos campos.

Há também uma crítica direta aos carrascos no que diz respeito às suas “poucas funções vitais, e sua desconsideração e apatia, sua estupidez como que anestesiadas ou embriagadas.”<sup>108</sup> Nesse sentido torna-se possível estabelecer uma discussão com Arendt que também descreve o carrasco nazista Eichmann como um homem que faz uso de

“Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência. Se respondêssemos todo tempo a esta exigência, logo estaríamos exaustos; Eichmann se distinguia do comum dos homens unicamente porque ele, como ficava evidente, nunca havia tomado conhecimento de tal exigência.”<sup>109</sup>

Assim, pela ótica de Michael Berg, as vítimas, os carrascos, juízes, promotores, advogados e os demais presentes no julgamento encaravam as provas e os depoimentos com entorpecimento. “Esta generalidade do entorpecimento me preocupava, assim como o fato de o entorpecimento não ter atingido apenas os carrascos e as vítimas, mas estar também em nós [...] que passamos a ter alguma coisa a ver com isso.”<sup>110</sup> Há duas possibilidades de interpretação do trecho anterior. Na primeira, poderíamos entender que Berg iguala o sentimento das vítimas e carrascos, desmerecendo – talvez – todo o processo traumático que a vítima tenha passado nos campos de concentração, entretanto, o personagem reconhece que tal afirmação é fruto de uma “não reflexão” e nega que tenha a pretensão de equiparar vítimas e carrascos. Na segunda possibilidade, o protagonista pode estar chamando a atenção para um sentimento de torpor que permeou aquela situação devido à naturalidade com que vítimas e carrascos relatavam o cotidiano dos campos.

---

<sup>107</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p.114.

<sup>108</sup> Idem. p.115

<sup>109</sup> ARENDT, Hannah, vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar. Trad. Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.P.6

<sup>110</sup> SCHLINK, Op.Cit., 2009. p.115.

Durante o julgamento, Berg hierarquiza o papel das acusadas dentro dos campos. “As cinco acusadas não dirigiam o campo de concentração. Havia um comandante, tropas especiais e outras guardas”<sup>111</sup> e revela que “era impossível encontrar o comandante que já havia fugido de lá quando começou o transporte para o oeste”<sup>112</sup>. Nesse trecho identificamos a falha na justiça que Schlink expôs na entrevista.

Hanna Schmitz e as outras guardas estavam no banco dos réus devido a um livro escrito por uma sobrevivente sobre a noite em que estavam fazendo a marcha da morte, pararam para dormir numa igreja e sofreram um bombardeio. A igreja pegou fogo. As guardas impediram que as prisioneiras saíssem. O livro “foi publicado nos Estados Unidos”<sup>113,114</sup> onde uma das vítimas morava, a outra vítima residia em Israel desde o final da guerra.

#### Das acusações

“Um item principal da acusação dizia respeito às seleções no campo de concentração. A cada mês eram enviadas de Auschwitz cerca de sessenta mulheres, e a mesma quantidade deveria ser mandada de volta para Auchwitz, subtraindo-se aquelas que não podiam mais ser empregadas no trabalho.”<sup>115</sup>

“Outro item dizia respeito à noite do bombardeio, quando tudo chegou ao fim [...] as acusadas poderiam ter aberto as portas da igreja mas não o fizeram, e as mulheres trancadas na igreja morreram incineradas.”<sup>116</sup>

Durante a acusação Hanna Schmitz se mostra descontextualizada. “Ela não tinha nenhum senso do contexto, das regras segundo as quais se agia, das fórmulas segundo as quais suas declarações e as dos outros eram computadas como culpa e inocência, condenação e absolvição”.<sup>117</sup> Nesse trecho podemos perceber a falta de entendimento de Schmitz no que diz respeito a consequências de seus atos do passado. Para a personagem, sua função de guarda na SS era a de garantir que todas as “prisoneiras” seriam vigiadas, portanto, estava obedecendo

---

<sup>111</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p.118.

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> “O presidente Truman apoiou uma política de imigração mais aberta para os judeus através de uma Ordem Executiva que, entre 1946 e 1948, permitiu a entrada legal de 16.000 refugiados judeus nos Estados Unidos. Em 1948, com a aprovação da Lei sobre Deslocados de Guerra, o Congresso norte-americano autorizou a concessão de aproximadamente 400.000 vistos a mais do que havia no sistema de cotas existente anteriormente, e daquele total, oitenta mil foram emitidos para refugiados judeus.” Informação retirada do site: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-united-states-and-the-holocaust-postwar-american-response-to-the-holocaust>. Acesso em 22/11/2018.

<sup>114</sup> SCHLINK, Op.Cit. 2009. p.118.

<sup>115</sup> idem.

<sup>116</sup> Idem. p.119.

<sup>117</sup> Idem. p.122

ordens. Hanna não conseguia ter uma reflexão crítica do papel que estava desempenhando ao aceitar o serviço, porém, sua condição não a torna menos culpada.

O livro escrito pelas vítimas trazia a versão do que havia acontecido dentro da igreja, mas não dizia nada a respeito do “lado de fora”. Diante disso, os testemunhos dos moradores, que naquela época viviam no povoado, foi importante para o curso do processo, “mas essas outras testemunhas tinham que tomar cuidado para que não recaísse sobre elas a acusação de que poderiam ter salvo as prisioneiras.”<sup>118</sup> Nesse sentido, podemos inferir que houve uma apatia por parte dos moradores que não se mobilizaram em salvar as vítimas naquele contexto, mas anos mais tarde, no julgamento, aquele sentimento pareceu dar lugar ao desejo por justiça. Houve um crime, em todo crime há vítima(s) e culpado(s). No caso explicitado, defendo que o número de culpados vai muito além das cinco acusadas.

Hanna admitia, prontamente, sua culpa se tomava a acusação como verdadeira. As outras acusadas insistiam que nada tinham nada a ver e que agiram de acordo com as “ordens de Hanna”. Tal comportamento fez com que o juiz insistisse em questionar Hanna que admitia parte de sua culpa sempre usando o pronome “nós” ao invés de “eu”.

Logo que a vítima reconhece Hanna afirma que

“Ela tinha favoritas, sempre uma das mais jovens, fraca e frágil, que acolhia sob sua proteção, cuidando para que ela não tivesse de trabalhar, acomodando-a melhor, tomando conta dela e alimentando-a melhor, e de noite levava para ficar com ela. [...] Ficamos sabendo que as garotas liam em voz alta para ela, noite após outra.”<sup>119</sup>

Nesse ponto, percebemos semelhanças entre a relação de Hanna com as prisioneiras e de Hanna com Michael Berg. A relação social de Hanna sempre foi pautada na troca, uma vez que, nos campos de concentração Schmitz oferecia alimento para as vítimas, prisioneiras judias mais fracas, em troca de leitura. No primeiro encontro de Hanna e Michael Berg, o personagem se mostra doente e ela presta os primeiros socorros até que ele – meses depois – se cura e retorna para a vida da protagonista. Ambos se envolvem amorosamente e Michael assume o papel de leitor.

Outro ponto que merece ser destacado na obra é quando Michael Berg relata sua experiência ao ler o livro da sobrevivente. O personagem ressalta que “as líderes dos pavilhões, guardas e soldados da tropa nunca ganham figura e rosto suficientemente distintos

---

<sup>118</sup> Idem. p.128

<sup>119</sup> idem. p.130

para que o leitor possa relacionar-se com eles, achá-los melhores ou piores.”<sup>120</sup> Essa reflexão do personagem nos remete a fala de Schlink sobre dar rostos as pessoas e não “coisificá-las”.

Hanna é apresentada no julgamento como uma agente a serviço da SS que cumpre suas tarefas sem questionar. Na trama, o caráter não reflexivo da personagem está diretamente ligado ao fato da mesma ser analfabeta, pode-se afirmar que Hanna não havia sido instruída para pensar, apenas para executar. Durante a narrativa, é possível perceber que Hanna Schmitz sente-se inferior por não saber ler ou/e escrever.

O ápice do julgamento se dá quando o juiz anuncia a sentença. As outras acusadas concordam em incriminar Hanna pela elaboração de um relatório que detalhava o que tinha ocorrido na noite do bombardeio. O juiz pede uma amostra da caligrafia da personagem e esta se recusa confessando que tinha escrito o relatório sozinha. A vergonha de ser analfabeta era superior à vergonha de ter cometido o crime. A partir desse momento, Michael Berg busca justificativas para se convencer de que Hanna não é uma criminosa.

“Naquela época, e desde então, sempre rejeitei tais conclusões. [...] Hanna não optou pelo crime. Decidiu-se contra a promoção na Siemens e foi parar num emprego de guarda. E não, ela não enviou as moças fracas e frágeis no transporte para Auschwitz porque tinham lido em voz alta, mas as tinha escolhido para leitura porque queria tornar suportáveis para elas os seus últimos meses, antes que tivessem de ir para Auschwitz de qualquer modo. E não, no processo Hanna não oscilou entre o desmascaramento como analbatera e o desmascaramento como criminosa. Não fez cálculos nem táticas. [...] Não estava perseguindo seus interesses, mas lutando pela sua verdade, sua justiça.”<sup>121</sup>

Para Berg, Hanna era uma mulher que desde sempre “tinha lutado para esconder o que não sabia fazer.”<sup>122</sup> Posto isso, o protagonista compreende o motivo de Hanna ter deixado a cidade, o emprego na companhia de bondes e o romance entre ambos. Percebe-se que Berg nutre um sentimento dúbio com relação a Hanna. Ora sente-se culpado por “amar uma criminosa”<sup>123</sup> ora mostra-se contra a sentença da personagem. Segundo Schlink, “o conflito

---

<sup>120</sup> Idem. p.134

<sup>121</sup> Idem. p.148

<sup>122</sup> Idem. pp.148-49.

<sup>123</sup> Idem. p.149

que Michael Berg experimenta com Hanna Schmitz, foi o conflito que a geração pós-guerra experimentou com a geração da guerra: afeição e horror, apoio e condenação.”<sup>124</sup>

Quando hierarquizamos os personagens, de acordo com a sua colocação na trama, temos uma percepção maior do que pode ter ocorrido no âmbito não ficcional no que diz respeito à falibilidade da justiça . Dessa forma, temos:

Vítimas	Mulheres judias que foram mortas no bombardeio da igreja. Mãe e filha sobreviventes da noite do bombardeio; Prestam depoimentos contra as acusadas; Filha escreve um livro denunciando o horror da noite do crime.
Agentes da SS	Cinco acusadas. Todas, com exceção de Hanna Schmitz, decidem combinar os depoimentos de forma que apenas Hanna seja culpada pela elaboração do relatório. Dizem ter sido coagidas por Schmitz e recebem penas mais leves.
Gente do povoado	Moradores da época do povoado que se localizava nas proximidades da igreja bombardeada. Não prestaram socorro às vítimas da igreja, mas deram alimentos e facilitaram a “fuga” das poucas sobreviventes daquela noite.
Gente que assiste ao julgamento	Estudantes de direito, jornalistas e outros expectadores curiosos com o desfecho do caso de julgamentos contra nazistas.
Advogados	O advogado de Hanna é descrito como jovem, porém, os advogados das outras acusadas são ex-nazistas experientes.
Juízes e promotores	Responsáveis por colher depoimentos das vítimas, depoimentos das acusadas e provas que incriminam as acusadas. Se distraíam com frequência e se animavam quando era preciso fazer viagens à Israel.

---

<sup>124</sup>Bernhard Schlink comenta 'O leitor', de Stephen Daldry. Disponível em:<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/bernhard-schlink-comenta-leitor-de-stephen-daldry-163267.html>  
Acesso em:26/11/2018.

Hanna era tão culpada quanto os moradores do povoado que não prestaram socorro às vítimas mesmo tendo tido conhecimento do que estava acontecendo na noite do bombardeio, tão culpada quanto as outras agentes da SS, tão culpada quanto os advogados ex-nazistas. No entanto, foi a única que sofreu a penalidade máxima, a prisão perpétua. Michael Berg afirma que a atitude de Hanna no julgamento “resultava da incapacidade de conhecimento prévio da acusação e do manuseio e, desse modo, também da falta de senso estratégico ou tático. Ela tinha sido sensivelmente prejudicada em sua defesa. Era culpada mas não tão culpada como parecia.”<sup>125</sup>

“Para ela [Hanna] sua auto-imagem valia os anos de prisão”.<sup>126</sup> Posto isso, não resta dúvidas a respeito do motivo que levou a personagem se declarar culpada. Seu julgamento particular era bem mais árduo do que qualquer outro julgamento, seja este legal ou moral. Michael Berg conhecia o segredo de Hanna. O personagem busca o auxílio do pai, professor de filosofia, na tentativa de compreender a atitude de Hanna. “Quando ele falou, foi minucioso. Instruiu-me sobre o indivíduo, liberdade e dignidade, sobre o homem como sujeito e o fato de não se poder torná-lo um objeto.”<sup>127</sup> Pode-se interpretar que a dignidade e a liberdade tem pesos diferentes para Hanna e para Michael. Enquanto Hanna encontra na prisão uma fuga para não expor sua condição de analfabeta, Michael procura razões para respeitar a individualidade da personagem e, após uma reflexão acerca do significado da palavra “dignidade”, opta por não revelar às autoridades a condição de analfabeta de Hanna. Essa decisão indica que Berg compreende o desejo de Hanna Schmitz por guardar o segredo do seu analfabetismo mesmo que isso signifique levar a culpa sozinha pelo crime.

Como já dito, a narrativa não segue uma ordem cronológica. O protagonista narra o que aconteceu partindo de sua memória afetiva com Hanna nos tempos da adolescência e posteriormente no reencontro com a personagem, no julgamento. Sendo assim, é comum encontrar trechos da obra em que Berg diz “quando penso hoje em dia naqueles anos [...]”<sup>128</sup>. Chamo atenção para essa especificidade, pois o personagem utiliza elementos que vão além do seu tempo “presente” para explicar os acontecimentos passados e, de certa forma, do tempo presente, conforme trecho abaixo:

---

<sup>125</sup> SCHLINK, B. Op. Cit.2009. p.153.

<sup>126</sup> Idem.

<sup>127</sup> Idem. 157.

<sup>128</sup> Idem. p163.

“Conhecíamos alguns relatos de prisioneiros, mas muitos deles surgiram logo após a guerra e depois só foram reeditados nos anos oitenta, excluídos do programa das editoras nesse intervalos. Hoje em dia temos acesso a tantos livros e filmes, que o mundo dos campos de concentração fez-se uma parte do mundo imaginado pela coletividade, este que completa o mundo real da coletividade.”<sup>129</sup>

Portanto, se há uma temporalidade que se sobrepõe à experiência do protagonista Michael Berg, dos alemães em relação a Auschwitz e ao Holocausto, podemos interpretar que o autor da obra “fala” por meio do personagem expondo sua visão pessoal do contexto. Partilhando da definição de Márcio Seligmann, em que a literatura de testemunho é uma imitação do real<sup>130</sup>, no contraponto entre “imaginação” e “realidade”, o autor parece assumir o papel do personagem, utilizando-se de filmes e livros reais para compor a narrativa.

“ A imaginação conhece o seu caminho naquele espaço, e desde a série de televisão Holocausto e filmes como A escolha de Sofia e especialmente A lista de Schindler, ela se move naquele espaço, não só aprendendo, mas complementando e adornando.”<sup>131</sup>

No mesmo parágrafo somos apresentados a duas temporalidades. Uma delas expus acima, a outra se refere ao tempo presente do protagonista. Nessa temporalidade, Berg afirma que “naquela época a imaginação era quase inerte [...] As poucas imagens, que nos chegaram através das fotos das tropas aliadas e dos relatos dos prisioneiros, impregnaram a fantasia das pessoas em demasia, até se estagnarem como clichês.”<sup>132</sup>

A definição de clichê, no dicionário, se caracteriza por “frase freq. rebuscada que se banaliza por ser muito repetida; lugar-comum, chavão.”<sup>133</sup> Para a análise adotarei a palavra “banalizar”. Na perspectiva de Michael Berg, tudo o que permeia a questão dos campos sofreu um processo de banalização por ser comumente um tema explorado nos filmes de uma maneira fantasiosa. O protagonista decide, então, conhecer um campo de concentração para “exorcizar os clichês com a realidade”.<sup>134</sup>

---

<sup>129</sup> Idem. p.163

<sup>130</sup> SELIGMANN, Márcio Silva. História Memória Literatura. Editora Unicamp. São Paulo. 1999.

<sup>131</sup> SCHLINK, , Op.Cit. p.164

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Significado retirado do dicionário online da plataforma Google . Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio> Acesso em 22/11/2018.

<sup>134</sup> SCHLINK, , Op.Cit. p.165.

Durante o percurso aos campos, Berg pede carona a um homem e assim que o motorista soube onde o protagonista iria “se calou”.<sup>135</sup> Michael Berg não compreende o porquê o motorista emudecera repentinamente. Ele o descreve como “um homem de meia idade, rosto seco, marca de queimadura ou nascença vermelha na parte direita da testa, cabelo preto penteado em mechas, dividido com exatidão.”<sup>136</sup>

“ – Ah o senhor quer entender por que as pessoas puderam fazer coisas tão medonhas. – Souo um tanto irônico”. [...] – O que quer entender, na verdade? O senhor entende quando os homens matam por causa de paixões, por amor, ou por ódio, ou pela honra, ou por vingança? [...] Mas aqueles que foram mortos nos campos de concentração não fizeram nada aos que os mataram? é isso que o senhor quer dizer? O senhor quer dizer que não havia motivo para o ódio e nenhuma guerra?”<sup>137</sup>

O diálogo entre Berg e “o motorista”, como é chamado na narrativa, ganha um caráter austero na medida em que o foco do assunto se torna a guerra e suas consequências. No trecho a seguir percebemos que o homem participou do assassinato de judeus e – diferentemente – de Hanna e das outras acusadas não sofreu nenhuma punição:

“- Uma vez – continuou – vi uma fotografia do fuzilamento de judeus na Rússia. [...] Isso acontecia numa pedreira, e sobre os judeus e os soldados, numa saliência do paredão de pedra, estava sentado um oficial, com as pernas abertas a balançar e fumando um cigarro. Ele parecia um pouco aborrecido. Talvez a coisa não estivesse acontecendo com suficiente presteza. Entretanto ele também tinha um ar de satisfação, até de contentamento no rosto, talvez porque o dia de trabalho estivesse passando e logo seria hora de largar o serviço. Ele não odeia judeus. Não é...  
- Era isso o que o senhor<sup>138</sup> fazia? O senhor ficava sentado na pedra e...  
Ele parou o carro. Estava completamente pálido, e a marca em sua testa brilhava.  
- Fora!  
Saí do carro. Ele virou o volante de tal modo que tive de dar um pulo para o lado [...]”

Após o encontro com o ex nazista, Michael visita o campo de concentração localizado na região da Alsácia. O protagonista descreve um sentimento dúbio com relação à visita, oscilava entre a curiosidade de explorar o lugar com a intenção de entender o que havia acontecido nos

---

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Idem. pp.165-66

<sup>137</sup> Idem. p.166

<sup>138</sup> Idem. p.168

campos e, ao mesmo tempo, parecia não saber como agir perante as “descobertas”. “ Fiquei sentado por um momento [...] olhando. Depois segui meu caminho.”<sup>139</sup>

“Primeiro me senti constrangido em entrar pelos povoados da Alsácia à procura de um restaurante para almoçar. Mas o constrangimento não se devia a uma sensação autêntica, e sim a reflexões sobre como uma pessoa deve se sentir após visitar um campo de concentração.”<sup>140</sup>

Posto isso, é possível afirmar que Michael Berg busca em si mesmo aquilo que julga ser a culpa da sua geração: o entorpecimento diante do passado. O personagem tenta criar um vínculo com a história dos campos mas revela que sua impressão a respeito dos campos se petrificou, ou seja, permaneceu “guardada”, “imóvel” no passado sem vínculo algum com o seu presente. Berg se refere ao passado como “o mundo dos campos”, um mundo do qual ele ouviu falar mas que não faz parte da sua vivência pessoal, embora tenha se relacionado com uma ex-guarda da SS.

A intitulada *terceira parte* da obra apresenta Michael Berg como uma pessoa solitária que “evitava estar na companhia de outras pessoas”.<sup>141</sup> O personagem termina os seus estudos de Direito e cita sua experiência com o movimento estudantil. Segundo Bosc

“Na Alemanha, a contestação estudantil foi organizada, principalmente, em Berlim pelo SDS (Sozialistischer Deutscher Studentbund), cujo líder Rudi Dutschke sofreu um atentado em 11 de abril de 1968. O movimento fazia uma crítica radical ao sistema educacional e apresentava propostas de universidade crítica. Vários grupos autogeridos discutiam importantes problemas como imperialismo e revoluções socialistas, linguagem política e falsa consciência, psicologia e sociedade (sexualidade e dominação, medicina desumana, crítica à psicologia acadêmica), ideologia das ciências exatas e da natureza, arquitetura e sociedade, teologia e política”<sup>142</sup>

Berg se apresenta como um estudante interessado em história e sociologia. Mostra-se interessado do movimento estudantil, mas confessa não tomar parte: “Escolas de ensino superior e reforma do ensino superior eram coisas a que eu não era tão indiferente quando ao Vietcong

---

<sup>139</sup> Idem. p.169

<sup>140</sup> Idem. p. 171.

<sup>141</sup> Idem.p.183

<sup>142</sup> Bosc, S. & BOUGUEREAU, J. M. (1968) O movimento dos estudantes berlinenses. Um precedente. In: & GAVI, P. (1968)A crise européia: revolta ou revolução? Rio de Janeiro, Degrau Promoções.

e aos norte-americanos.”<sup>143</sup> “Vietcong” é um termo pejorativo que os norte-americanos usavam para se referir aos soldados vietnamitas comunistas. A Guerra do Vietnã foi um dos conflitos mais memoráveis do período da Guerra Fria devido às consequências desencadeadas na política interna e externa norte-americana. “A oposição à guerra americana no Vietnã mobilizava a juventude tanto nos EUA quanto na Europa”.<sup>144</sup>

Michael Berg via no movimento estudantil um confronto com o passado nacional-socialista. “Penso que o confronto com o passado nacional-socialista não era o fundamento, mas apenas a expressão do conflito de gerações que era possível perceber como a força motora do movimento estudantil”.<sup>145</sup> Novamente, o personagem traz o conflito entre sua geração e a geração passada para justificar sua descrença em movimentos políticos. “A expectativa dos pais, de que toda geração tem de se libertar, era facilmente liquidada pelo fato desses pais terem falhado, no Terceiro Reich ou mais tarde, após o seu fim.”<sup>146</sup>

O protagonista apresenta duas perspectivas opostas que tratam da questão do diálogo entre a geração da guerra e a geração pós-guerra. Dessa forma, Berg questiona “como é que aquelas pessoas podiam ter algo para dizer a seus filhos?”<sup>147</sup> Mas ao mesmo tempo parece se apegar à ideia de que os filhos não são questionadores do passado por uma questão de hierarquia familiar. Conforme o trecho

“o passado nacional-socialista também era um tema para os filhos que não podiam ou não queriam censurar seus pais. Para eles, o confronto com o passado nacional-socialista não era a forma tomada por um conflito de gerações, mas sim o problema propriamente dito.”<sup>148</sup>

Michael Berg apresenta a sua definição de “culpa coletiva”,<sup>149</sup> afirmando que

“o fato de tantos velhos nazistas terem feito carreira, entre os juristas, no governo e nas universidades, o fato de que a República Federal Alemã não reconhecia o Estado de Israel, e de que a emigração e a resistência eram menos comuns do que a vida conformista – tudo isso nos envergonhava, mesmo quando podíamos apontar os culpados”.<sup>150</sup>

Para ele a culpa coletiva transformava sofrimento em agressão e, por esse motivo, questionar a geração da guerra não traria nenhum outro sentimento senão revolta. É

---

<sup>143</sup> SCHLINK, , Op.Cit. p.185.

<sup>144</sup> Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(2); 63-100, outubro de 1998. p.65

<sup>145</sup> SCHLINK, , Op.Cit. p.185.

<sup>146</sup> Idem.

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> Idem.

<sup>149</sup> Idem.

<sup>150</sup> Idem.p.186.

perceptível que o personagem se culpa por amar Hanna, mesmo depois de tomar conhecimento da participação desta nos campos de concentração. Berg faz um comparativo entre o sentimento que nutre por Hanna e o sentimento da sua geração com relação à geração da guerra.

Mesmo depois de casado, o protagonista não deixa de amar Hanna, faz comparações entre a esposa, Gertrud e o relacionamento com Hanna, admitindo se sentir culpado por nunca ter deixado a memória de Hanna sumir completamente.

No capítulo 4 da *parte três*, a narrativa assume outra temporalidade. Michael Berg forma-se na faculdade, faz estágio no campo do Direito e é convidado por um professor para ingressar na área de pesquisa da História do Direito. Para o personagem “fazer história significa construir pontes entre o passado e o presente, observando ambas as margens e agindo nas duas.”<sup>151</sup> Dentre as áreas de pesquisa, Berg estuda o Terceiro Reich e constata que “passado e presente vêm juntos na realidade da vida”.<sup>152</sup> Posto isso, é possível perceber um paradoxo que se dá pelo fato de Berg querer fugir do passado mas, ao mesmo tempo, analisá-lo de forma crítica através das pesquisas.

Apesar da tentativa do protagonista de se afastar do passado e conseqüentemente de Hanna, ambos se relacionam em silêncio. Berg escolhe livros, faz a leitura de cada página e utiliza um gravador para gravar a leitura. Através das fitas gravadas por Michael Berg e enviadas para a prisão onde Hanna se encontra, a personagem aprende a ler e a escrever. Possivelmente este seja o principal motivo que induz leitores da obra, incluso a mim mesma, a sentir compaixão por Hanna Schmitz.

Para Michael, Hanna ter aprendido a escrever significava “alegria e júbilo”.<sup>153</sup> O personagem revela que tinha lido tudo sobre o analfabetismo durante todos aqueles anos. “Sabia do desamparo diante de atividades cotidianas que exigiam a leitura [...] sabia da angústia com que o analfabeto segue os modelos já dados e a rotina controlada, e da energia que é exigida para ocultar a incapacidade de ler e escrever”.<sup>154</sup>

Após dezoito anos de pena, Hanna recebe um indulto de soltura. Michael recebe um bilhete da diretora do presídio informando sobre a soltura de Hanna. Tal informação deixa o protagonista turbido. Berg providencia um apartamento próximo de uma biblioteca municipal

---

<sup>151</sup> Idem. p.198.

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> Idem. p.206.

<sup>154</sup> Idem.

e arruma um emprego para Hanna. Ambos, que não se viam há dezoito anos, tem o primeiro reencontro. Este é o único momento em que Hanna expõe os seus sentimentos de uma forma reflexiva.

“- Antes do processo você realmente nunca tinha pensado nas coisas que foram ditas durante o processo? Quero dizer, você nunca tinha pensado nisso, quando estávamos juntos, quando eu lia em voz alta na sua casa?

- Isso preocupa muito você? [...] Eu tinha sempre a sensação de que, sem dúvida, ninguém me entendia, de que ninguém sabia quem eu era e o que me levava até aquele ponto da minha vida. E você sabe, quando ninguém entende, ninguém pode exigir que você preste contas. Nem a corte podia exigir que eu prestasse contas. Mas os mortos podem. Eles entendem. Para isso não precisam ter estado por perto, mas se estiveram, entendem especialmente bem. Aqui na prisão eram muitos em volta de mim. Vinham toda noite, querendo eu ou não. Antes do processo eu ainda podia afugentá-los quando eles queriam vir.”<sup>155</sup>

Apesar da confissão de Hanna, Michael ainda a culpava. Possivelmente a maior culpa que ele atribui à personagem é a culpa por tê-lo deixado na juventude. “Deixar apenas os mortos exigirem que prestasse contas, reduzir a culpa e penitência a noites maldormidas e sonhos ruins – onde isso deixava os vivos? Mas o que me interessava não eram os vivos, era eu.”<sup>156</sup>

“Na manhã seguinte Hanna estava morta. Ela tinha se enforcado, ao amanhecer.”<sup>157</sup> Michael é acompanhado por uma funcionária da penitenciária e se interessa sobre o comportamento de Hanna na prisão. “Schmitz sempre emprestou algumas fitas para auxiliar responsável pelos prisioneiros cegos.”<sup>158</sup> Na estante de livros da cela de Hanna haviam obras como: Primo Levi, Elie Wiesel, Tadeusz Borowski, Jean Améry, assim como a literatura das vítimas “ao lado dos cadernos autobiográficos de Rudolf Hess, o relato de Hannah Arendt sobre Eichmann em Jerusalém e literatura científica sobre campos de concentração.”<sup>159</sup>

Hanna Schmitz passou os seus primeiros anos de leitora se dedicando ao tema dos campos de concentração e , principalmente, à parte que envolvia as mulheres nos campos. Interpreto que Hanna realmente não compreendia a gravidade de seguir ordens sem refletir sobre elas. A falta de conhecimento não a torna menos culpada, mas possivelmente justifica parte da sua contribuição para o crime cometido.

---

<sup>155</sup> Idem. p.216.

<sup>156</sup> Idem. p.220.

<sup>157</sup> Idem. p.223.

<sup>158</sup> Idem.p.224.

<sup>159</sup> Idem. p.225.

A personagem escreve um testamento designando o seu dinheiro do banco para a vítima do bombardeio da igreja. Michael encontra a vítima – que vive nos Estados Unidos – e ambos conversam a respeito da noção de realidade de Hanna na época em que era agente da SS. Berg reconhece que Hanna “sabia o que tinha feito a outras pessoas, no campo de concentração e na marcha [...] se ocupava do assunto intensivamente nos últimos anos de prisão.”<sup>160</sup>

A *terceira parte* termina com uma reflexão de Michael sobre a sua história com Hanna. Assim como uma narrativa de memória, a história contada sob a ótica de Berg não teve um compromisso temporal cronológico. Segundo o personagem, sua história com Hanna se escreveu várias vezes na sua cabeça, “sempre um pouco diferente, sempre com novas imagens, novos retalhos de atitudes e pensamentos.”<sup>161</sup>

“Primeiro quis escrever nossa história para livrar-me dela. Mas para esse objetivo as lembranças não vieram. Então notei como a nossa história estava escapando de mim e quis recolhê-la de novo por meio do trabalho de escrever, mas isso também não destravou as memórias. Há alguns anos deixo nossa história em paz. Fiz as pazes com ela. E ela retornou, detalhe após detalhe, de uma maneira redonda, fechada e direcionada que já não me deixa triste.”<sup>162</sup>

Terminarei este capítulo fazendo uma reflexão sobre o título: “Nazismo nunca mais?!”. A expressão “aprender com os erros do passado para que não se repita no futuro” já se tornou um clichê na História, entretanto, ideologias político-sociais podem perpassar o tempo e o espaço. Retomo a expressão “fascínio mórbido” para me referir aos seguidores do “novo nazismo”. Durante a elaboração desta monografia, me deparei com notícias do início de 2018 que falavam sobre a comemoração do aniversário de Hitler por jovens intitulados “neonazistas”. Estes jovens resgatam o preconceito contra Judeus, homossexuais, negros e pregam a “superioridade da raça ariana”. Tal notícia me chamou atenção assim como as fotos que ilustravam o texto. Havia jovens, negros, vestindo camisas com o símbolo da suástica, fazendo a saudação nazista. Posto isso, me perguntei se esses jovens – assim como Hanna – possuem uma noção crítica do que estão “seguindo” ou se seguem apenas como uma forma de chamar a atenção do meio em que vivem?! Não tenho uma resposta para essa questão. Mas diante de tudo o que foi discutido, é certo que o nazismo não “morreu” no campo das ideias.

---

<sup>160</sup> Idem. p.234.

<sup>161</sup> Idem.p.237.

<sup>162</sup> Idem.p238.

## Considerações Finais

Este trabalho monográfico teve como principal objetivo abordar as relações da geração pós-guerra com a geração da guerra, sob a perspectiva da obra *O Leitor*.

No primeiro capítulo, procurei expor o contexto político-social da Alemanha pós 1945, abordando o processo de desnazificação, os julgamentos de agentes que contribuíram direta ou indiretamente com o regime nazista, a disputa globalizada entre Estados Unidos e União Soviética pela hegemonia dos modelos econômicos capitalista e socialista, respectivamente, e, por fim, a análise da obra sob o ponto de vista do seu autor, Bernhard Schlink.

No capítulo dois busquei discutir a memória afetiva dos descendentes do alto escalão do nazismo fazendo um comparativo com o que é abordado na obra *O Leitor*. Neste capítulo, buscou-se abordar a questão da memória, julgamento e culpa. Afinal, a culpa se perpetua com a herança genética? É aceitável uma pessoa que não serviu ao regime nazista, portanto, não cometeu crimes, ser expulsa de uma empresa por simplesmente por carregar o sobrenome do seu pai nazista? Ambas as questões são difíceis de serem respondidas pelo simples fato de sempre esbarrarmos no nosso julgamento moral para “analisar” o outro.

É indiscutível a participação criminosa dos pais dessas pessoas no contexto da guerra. É discutível culpá-las por terem sido doutrinadas desde crianças a acreditarem em um mundo onde o Nacional Socialismo fosse a salvação. No que diz respeito à obra, é discutível julgar e condenar uma agente do baixo escalão nazista, enquanto outros nazistas não recebem nenhum tipo de punição e, muitas vezes, ocupam cargos públicos como, por exemplo, no âmbito da justiça.

Posto isso, afirmo que análise teórica é muito mais simples do que uma possível análise prática. Por mais que eu defenda, nesta monografia, que a geração pós-guerra nada tem a ver com a culpa de seus pais/descendentes, a realidade foge à teoria. Supondo que nos deparássemos com um descendente direto do Himmler que carregasse o sobrenome “Himmler” nosso julgamento moral nos causaria uma sensação de mal estar instantâneo.

Com relação à Hanna Schmitz reitero sua condição de criminosa de guerra, porém, inegavelmente considero que sua condição de analfabeta guiou suas escolhas pessoais e profissionais. Interpreto o suicídio da personagem como uma forma de autopunição, pois fica subentendido que as leituras de Hanna sobre os campos de concentração a fizeram ter uma noção de seus atos e, conseqüentemente, a personagem não conseguia “despistar” os mortos como confessou que fazia anteriormente. Por outro lado, Michael Berg representa a geração

pós-guerra e toda a culpa que esta geração carregou por amar aqueles que – direta ou indiretamente – contribuíram para a manutenção do nazismo.

Por fim, considero que os testemunhos, sejam eles reais ou fictícios, carregam em sua essência acontecimentos que são, na maioria das vezes, traumáticos, envolvendo experiências individuais ou coletivas passíveis de análise por parte do historiador, aumentando, assim, as possibilidades da fonte na escrita da história.

## REFERÊNCIAS

### Fonte

SCHLINK, Bernhard. *O leitor*. Tradução de Pedro Sussekind. 7ª edição. Rio de Janeiro. Editora Record, 2009.

### Bibliografia

ARENDDT, Hannah. *vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Trad. Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Trad. Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAUMAN, Z. Singularidade e normalidade do Holocausto. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiás:Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

CHARTIER, Roger. *A história cultural:entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CRASNIANSKI, Tania. *Filhos de nazistas. Os impressionantes retratos de família da elite do nazismo*. São Paulo: Vestígio. 2018.

EVANS, Richard J. *Terceiro Reich Na história e na memória. Novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intrincada economia e seus efeitos na Alemanha do pós guerra*. São Paulo; Editora Planeta do Brasil. 2018.

FERREIRA, Antonio Celso. *Literatura: A fonte fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos - o breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, Cap 8.: “Guerra Fria”

JUDT, Tony. *A Reabilitação da Europa*. Em: JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JUNGE, Traudl. *Até o Fim - Os Últimos Dias de Hitler Contados Por Sua Secretária*. Ediouro: Rio de Janeiro. 2005.

KERSHAW, Ian. *O fim do Terceiro Reich; A destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

LOWE, Norman. *A Guerra Fria*. Em: LOWE, Norman. *História do Mundo Contemporâneo*. Porto Alegre: Penso, 2011.

MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>.

POLLAK, Michael. *“Memória, Esquecimento, Silêncio”*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989

ROLAND, PAUL. *Os julgamentos de Nuremberg. Os nazistas e seus crimes contra a humanidade*. São Paulo: M.Book do Brasil Editora Ltda. 2013.

SELIGMANN, Márcio Silva. *História Memória Literatura*. São Paulo. Editora Unicamp. 1999.

SOUKI, N. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte (BH): Editora UFMG; 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Tradução de Joana Angélica D'AVILLA Melo. São Paulo, 2002.

VICENTE, MM. *História e comunicação na ordem internacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

VINCENT, Gérard; PROST, Antonie. *História da vida privada: Da primeira guerra a nossos dias*. Companhia das Letras, 2009.

## **Entrevistas**

Bernhard Schlink comenta 'O leitor', de Stephen Daldry. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/bernhard-schlink-comenta-leitor-de-stephen-daldry-163267.html>. Acesso em: 26/11/2018.

Bernhard Schlink author of 'The Reader' on Q TV. Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsbptLzHye4>. Último acesso em 18/11/2018.

### **Links online**

História e Literatura: Algumas Considerações. Disponível em:  
[https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO\\_\\_BORGES.pdf](https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf). Acesso em 08/10/2018.

Princípio da retroatividade da Lei Benéfica. Disponível em:  
<https://mlsousa.jusbrasil.com.br/artigos/123406054/lei-temporaria-e-o-principio-da-retroatividade-da-lei-penal-benefica>. Acesso em 02/11/2018.

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-united-states-and-the-holocaust-postwar-american-response-to-the-holocaust>. Acesso em 22/11/2018.

## ANEXOS

### Resumo da obra

Na intitulada “primeira parte”, o narrador personagem e também protagonista, Michael Berg, descreve o primeiro encontro com uma mulher mais velha que viria a ser seu grande amor da juventude chamada Hanna Schmitz. Neste capítulo que conhecemos a personalidade de Hanna e poucos fatos sobre a sua vida. A primeira impressão que a figura de Hanna transmite é a de uma mulher que não faz questão de rememorar seu passado. Os empregos da personagem não exigem qualificação, nota-se uma hierarquia social perpetuada pelo trabalho. Sua relação com o protagonista Michael se baseia em troca, aos poucos descobrimos que a relação social de Hanna sempre foi pautada na troca, pois, nos campos de concentração Schmitz oferecia alimento para as vítimas (prisioneiras judias mais fracas) em troca de leitura, portanto, pode-se afirmar que a personagem se aproveitava da fraqueza daqueles que se relacionavam com ela. Hanna – intencionalmente – barganhava com seus leitores. Tal fato é mais bem explicitado na parte dois, no qual é narrado o julgamento. Apesar dos personagens se envolverem amorosamente em momentos distintos, a personagem Hanna assume um papel mais complexo na trama, à medida que Michael Berg se apaixona por ela, o personagem não consegue enxergar nenhum sentimento recíproco por parte de Hanna. Por fim, ocorre a primeira despedida entre ambos. Interpretando essa primeira parte da obra, fica evidente que Hanna demonstra um nítido incômodo com relação aos trabalhos desempenhados no pós-guerra e que – para ela – Michael Berg possui a mesma importância das vítimas de Hanna dos campos de concentração: Leitores. Na “segunda parte” o foco se torna o julgamento de Hanna e das outras acusadas. E por fim, na terceira parte, o protagonista expõe os motivos que o levaram a escrever a história dele com Hanna e revela os diferentes sentimentos que transcenderam a sua trajetória de vida.

## Entrevista

Q TV: Esta é uma história que realmente parece falar com as pessoas apesar de cobrir um território tão difícil. Por que você acha que esta história continua a ressoar tão profundamente em todo o mundo?

Bernhard Schlink: É uma história alemã, mas é uma história de como nos tornamos enredados na culpa daqueles que admiramos, respeito, amamos... É, de certa maneira o que aconteceu com a minha geração, mas acontece com outras repetidas vezes. Não apenas neste contexto alemão abordado no livro.

Q TV: Esta é uma história que também causou alguma controvérsia, por quê?

BS: Bem, Algumas vezes fui acusado de apresentar uma pessoa que cometeu crimes monstruosos, não como um monstro, mas com um rosto. Esta é Hanna Schmitz.

Q TV: E o que você diz quando as pessoas dizem sobre o que você fez?

BS: É assim que o mundo é, as pessoas que cometem crimes monstruosos não são necessariamente monstros, como se as coisas fossem fáceis, mas não são e são uma das experiências da minha geração. Aprendemos que a admirar, um professor que possivelmente tivesse estado envolvido em algo horrível; ele era uma pessoa simpática e, ao mesmo tempo, estava envolvido em algo horrível.

Q TV: A atriz Kate Winslet disse que sua personagem, a Hanna estaria abordando algo diferente para pessoas diferentes e ela admite isso; ela mesma não tinha certeza de como julgar a personagem. O que Hanna Schmitz representa para você?

BS: Bom, ela cometeu crimes. Não há dúvidas sobre isso, ela meio que entrou nisso como quando as pessoas entram nas coisas e seu analfabetismo desempenhou um papel nisso. Isso não é uma desculpa, é claro, não é uma justificção, mas é exatamente como entramos nas coisas, mas você sabe que foi seu analfabetismo e ela nunca entende inteiramente o que ela fez, ela foi condenada à prisão e nós entendemos que ela tem um vislumbre, entende superficialmente o que fez, mas ela nunca entende inteiramente o que ela fez e, novamente, isso é algo que não é apenas para Hanna se encontrar com muitos, que como ela, estiveram envolvidos nos crimes do terceiro reich. Eles conseguem uma noção, mas muitos nunca entenderam completamente qual era a “religião” deles.

Q TV: Você é um juiz praticante, um professor de direito na universidade de Berlim... O leitor é, em parte, para testar nosso conceito de justiça. Como o legado do Holocausto moldou seu senso do que constitui uma justiça verdadeira?

BS: É óbvio que as provações que tínhamos após a guerra não combinamos de modo algum ou lidamos com o que aconteceu durante o Holocausto. As sentenças foram relativamente poucas e foram sentenciadas classes mais baixas do que as classes mais elevadas. No caso das classes mais baixas, era mais fácil provar que elas haviam estado envolvidas. Dado o estado que não queremos desistir, o Estado falhou com crimes desta proporção, os julgamentos judiciais sob o direito da lei não podem suportar completamente.

Q TV: Então, não há um nível de justiça que realmente possa abordar algo dessa magnitude?

BS: Graças a Deus, há alguma justiça e o julgamento de Auschwitz em meados dos anos 60 se deu de uma forma que acordou a geração inteira. Até então não houve muita conversa sobre o Holocausto a ponto de passar na TV; o julgamento de Auschwitz teve um grande impacto na minha geração.

Q TV: Permitam-me lhe perguntar de uma forma coloquial e afastar-me se, se me permite da magnitude do Holocausto para mais uma questão geral: as nuances morais e a área cinzenta que a personagem da Hannah Schmitz e esta história parecem sugerir. Que parece ser uma questão de saber se devemos julgar as pessoas com a forma como elas nos tratam e as ações que observamos pessoalmente ou pelo que ouvimos ou sabemos sobre seu passado e acho que isso generaliza de maneiras diárias simplesmente, talvez eu ouça que alguém é um idiota, mas responda com essa informação que ele sempre foi legal comigo. Como é que devemos seguir essa linha de julgamento?

BS: Não há saída fácil. Quero dizer, não há como sair dessa tensão, você sabe que a pessoa fez algo horrível, mas ainda assim você concorda em respeitar meu amor por essa pessoa, você quer entender, quer condenar e tem que condenar e você tem que entender, e essa é a situação para a qual não há solução. Temos que viver com isso. E não acho que seja uma ambiguidade moral. É claro, moralmente e legalmente, o que ela (Hanna) fez e como deve ser julgado, ao mesmo tempo, há alguma obrigação moral de respeitar aqueles que nos trataram de maneira que merece nosso respeito, nossa admiração. Eu não acho que seja ambíguo, é atenção.

Q TV: Mas não está claro o que ela estava pensando ou quanto ela foi forçada a fazer...

BS: Ela não foi forçada a fazer e acho que isso também não é muito bem apresentado no filme. Ela não disse para ir para as filas ou que teve que obedecer à todas as ordens. Ela disse: eu assumi essa tarefa e a tarefa era como eu poderia abrir a porta e deixar os prisioneiros irem?

Q TV: Com o que você lida pessoalmente sobre ser um alemão escrevendo sobre o Holocausto?

BS: Essa tensão que eu apenas estava tentando falar era particularmente vívida para muitos de nós. Que, da minha maneira, tornou-se meu professor de inglês e, depois de ter sido aposentado, viu-se que ele estava envolvido em algum caso, denúncia e coisas. Quando eu fui para a faculdade de direito, havia um chamado “*armário venenoso*” em que os livros dos anos 30 e 40 estavam trancados e não tivemos acesso e, em meados dos anos 60, obtivemos acesso e lemos o que nossos professores haviam escrito, então lá tinha essa tensão que foi uma experiência para mim e muitos outros.

Q TV: Você disse que você não está sentindo isso agora, tanto quanto você fez, é que a tensão do coletivo na Alemanha é mitigada pelo progresso pode dizer de autoconsciência e consciência mesmo no tempo que, desde que você escreveu *O leitor* ... Isso significa que há cerca de uma década você era o monge que o Museu Judeu abriu no Memorial do Holocausto perto do Portão de Brandenburgo, no coração de Berlim. Isso remodelou a maneira como as pessoas se identificam com sua culpa ou mesmo uma história como esta?

BS: Isso certamente contribuiu com o que também contribui fortemente na medida em que a próxima geração do terceiro ou agora podemos começar a falar sobre a quarta geração, é claro, é muito menos sob a sombra do passado na maioria das vezes eles talvez conheçam um avô ou Avó daquele período, mas isso não acontece sempre. Então, para muitos deles, é realmente um passado com o qual eles não têm nenhum link pessoal e o link pessoal foi tão importante para a tensão que eu falei.

Q TV: Conte-me sobre sua reação inicial. Como foram seus pensamentos quanto a ideia do seu livro, seu "bebê" se tornando um filme e particularmente um filme feito de Hollywood? Quero dizer, há mais e mais filmes que lidam de alguma forma com o Holocausto, que inspiraram críticas ao uso do Holocausto como uma espécie de entretenimento. Você se preocupa com o tratamento que Hollywood deu à sua história?

BS: Não. No começo, parecia que Anthony Minghella corrigiria o filme e não tinha medo de transformá-lo em uma história comum de Hollywood e, em seguida, quando decidimos que Stephen Daldry (diretor) faria isso, não temia que ele o fizesse. E também acho que o filme realmente mantém os problemas, não é apenas a história, mas realmente mantém os problemas do livro e faz as pessoas se perguntarem como esses problemas podem ser resolvidos, o que exatamente eu penso sobre, o que eu sinto sobre isso... E isso é algo que eu queria fazer com o livro e estou feliz por isso ser exatamente isso.

Q TV: Você gostou da adaptação?

BS: Eu gostei, sim.

Q TV: Quanto de envolvimento você teve com a produção do filme?

BS: Nós conversamos muito. Nós falamos sobre o roteiro e às vezes me perguntaram sobre como era o relacionamento de professores na década de 50. Mas principalmente falamos sobre o roteiro.

Q TV: Você nunca revelou sobre quem Hannah Schmitz se baseou, mas um professor na *Nottingham Trent University*, chamado Bill Nevin disse saber quem ela é. Existe uma razão pela qual você prefira que Hanna permaneça um personagem totalmente ficcional?

BS: Ela não é a pessoa que este professor de Nottingham pensa, ela é como na maioria ou em todos os meus personagens em meus livros.... Há tantas pessoas que entram nelas, então são pessoas. Conheci pessoas, ouvi falar sobre pessoas, fantasio sobre elas ... então, não é realmente essa uma só pessoa.

Q TV: Como você se sentiu quando soube de todas as indicações ao Oscar?

BS: Eu pensei: isso é ótimo!

## Tabela de Personagens

<b>Personagens</b>	<b>Papel desempenhado</b>	<b>Importância na obra</b>
Hanna Schmitz	Ex- guarda de Campo de Concentração/Cobradora de Bonde.	Protagonista
Michael Berg	Leitor/ Estudante de Direito/ Advogado.	Protagonista
S/n <sup>163</sup>	Professor de Direito.	Desempenha o papel de despertar o interesse dos alunos para o passado.
S/n	Sobrevivente da marcha da morte.	Escritora do livro utilizado pelo tribunal para condenar Hanna e as outras acusadas.
S/n	Sobrevivente da Marcha da Morte/Mãe de Ilana.	Testemunha dos crimes que Hanna e as outras acusadas cometeram.
Julia Berg	Filha de Michael Berg.	Não possui um papel significativo na obra.
S/n	Irmã de Michael Berg.	Simboliza a infância/ Adolescência de Michael.

<sup>163</sup> Abreviatura que significa “sem nome”.

S/n	Irmão de Michael Berg.	Simboliza a infância/ Adolescência de Michael.
Gertrude	Ex-esposa	Primeira mulher que o protagonista Michael se envolve depois de Hanna. Para o personagem é como se tivesse rompendo com o passado ao se envolver com Sophie.
Advogado da Hanna (s/n)	Advogado.	Desempenha a função de defender Hanna das acusações. É descrito no livro como "jovem" na sua função de advogar.
Promotor (s/n)	Promotor.	Acusa Hanna e as outras condenadas.
Juiz (s/n)	Juiz.	Sentencia as condenadas a diferentes penas.
S/n	Pai de Michael Berg.	Professor de filosofia na época do Reich; Não tem muita proximidade com a família.
S/n	Mãe de Michael Berg.	Não desempenha um papel significativo na obra.